



Giordano Andriola

# CHEQUE-SEM FUNDO

APPALOOSA

Online Indie Publishing



# **CHEQUE SEM FUNDO**

**Giordano Andriola**

**APPALOOSA**

**Online Indie Publishing**



Livro: AP0008

Andriola, Giordano

Cheque sem Fundo

Giordano Andriola – Dez 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Background de Capa:

Pixabay CC0 Public Domain

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

. Cheque Sem Fundo

. Sobre o Autor



## §

“Você nasceu com um olhar rancoroso. Típico dos que já sabem que irão fracassar novamente”. A minha mãe falou isso um pouco antes de vomitar um forte jato de sangue na minha bela camisa de linho branco e morrer com um semblante cínico. Eu não deveria estar ali. Na verdade, eu não sei nem se aquela mulher, realmente, era a minha mãe. Dane-se. Ali estava eu, cumprindo mais uma das obrigações que a vida me impôs, fora ter que pagar IPTU. Chamaram-me às pressas: “Sua mãe ta morrendo!”. Pois que morra. Eu não tenho nenhum poder de cura ou ressuscitação. A velha tava mal. Ela já foi uma mulher bonita. Sim, uma das mais bonitas da cidade. Todo homem queria comer, mas eu sentia repugnância por aquilo tudo. Mas agora ela estava ali, morta, com uma erisipela na perna direita que a fazia pesar uma tonelada. Seria difícil colocar aquilo ali no caixão. Mas isso era problema do serviço funerário e eu não queria me meter. Saí daquele hospital e fui direito para um bar que ficava

no outro quarteirão. Um lugar repleto de velhos bebedores de uísque com soda e petiscos azedados. Dei boa tarde e ninguém respondeu. Pedi uma dose de gim. Mudei de idéia. Uma dose de cachaça. Uma dose, não. Quis o copo cheio. Transbordante. Dose é coisa de gente comedida. Bebi e voltei pro hospital. Chegando lá, encontrei Zenaide, uma prima da minha mãe que havia, praticamente, me criado. Ela me criou, já que a velha só sabia viver por aí passando a perna em caras mais otários que o meu pai. Também detesto Zenaide. Mas não tanto. Foi com ela que perdi o cabaço e aprendi a retardar o gozo durante uma noite inteira. Agora ela estava velha como a minha mãe. Seu habitual cheiro de Chanel nº 5 foi substituído por arnica e o seu olhar já era tão monótono quanto um filme do Godard.

– E o enterro?

– Sei lá!

– Não vai providenciar?

– Sei lá!

– Não seja tolo!



- Já deixei tudo pago.
- É a sua mãe!
- Você interrompeu a minha escavação de abismos para eu vir até aqui e tomar um jato de sangue na cara!
- Não seja rancoroso!

De novo essa história de rancor? Danem-se! Zenaide costumava dizer que o meu rancor vinha de outras vidas. Papo de kardecista canastrão. Eu não me lembro de outras vidas e, mesmo que me lembrasse já me ocupo com os rancores da vida atual. Estou pouco me lixando para as vidas passadas. Eu já não vivo essa. Apenas me escondo, ou tento me esconder. De vez em quando o telefone tocava e era a voz rouca de Zenaide dizendo que estava só de calcinha me esperando em sua cama king-size forrada com um lençol de seda vermelho. Eu me casei algumas vezes. Algumas não. Várias vezes. Que eu me lembre, foram oito. Zenaide ajudou a acabar com todos. Pudera, durante muito tempo ela me sustentou com a pensão-vitalícia que recebia do seu falecido marido, o General Guto Guerra. Um impotente crônico. Não bebia, não

fumava e não fodia. A sua distração era caçar bem-ti-vis com a sua velha carabina. Enchia a sua bolsa de lona com as aves cadavéricas e me chamava para mostrar as conquistas do dia:

– Dezessete. Hoje foi pouco!

Eu tinha vontade de matar aquele velho babaca, mas Zenaide foi mais rápida. Encomendou a morte do General em troca de um Corvette 82. A casa ficou com um ar mais leve. Eu e Zenaide trepávamos o dia inteiro. No sofá, em cima da mesa de jantar, no tapete egípcio da sala de estar e também na cama king-size forrada com um lençol de seda vermelho. Mas eu cansei. Quando eu comecei e trepar com Zenaide, era apenas um garoto de doze anos. Aos vinte, resolvi me mandar. Não sem antes convencer Zenaide a me dar, mensalmente, uma boa mesada. Ela não se recusou. Só pediu que não ficasse muito tempo sem aparecer em sua casa, o que não seria nenhum sacrilégio. Com o dinheiro que a coroa me dava, aluguei uma quitinete no centro da cidade. Emprego nem pensar.

Aquela grana dava para qualquer um se virar. Resolvi experimentar a vida fora daquela casa sufocante. Veio a primeira mulher. Caí na esparrela de mandar ela se mudar para a minha apertada quitinete, o que me causava sérios transtornos. Homem e mulher não podem existir sob um mesmo teto. Eu devia saber disso quando Zenaide deu fim ao General. Antigamente, eu costumava pagar pra ver. Hoje, não mais. Prefiro economizar as minhas desgraças.

– Não é rancor!

– E então o que é?

– Cansei de dar atenção aos mortos. Prefiro pagar a conta e cair fora.

– Três anos sem ir lá em casa. O que há com você?

– Arrumei um emprego numa cidade que fica a 180 km daqui. Vale a pena, eles pagam bem e lá eu como uma mulher diferente todos os dias.

– Você é um canalha. Sempre foi. Um canalha sujo e mentiroso!

Zenaide sempre foi previsível em suas colocações. É claro que eu sabia que era um canalha sujo e mentiroso. Mas gostava de ver sua boquinha já murcha dizendo: C-A-N-A-L-H-A! Três anos fazem muita diferença na vida alguém. Parece até que Zenaide havia envelhecido dez anos. Seus dentes estavam amarelados. Os cabelos, recém-pintados, deixavam à mostra uma raiz branca que denunciava a crueldade do tempo. Manchas senis já cobriam parte do seu rosto e braços. Mas ainda havia algo que me deixava excitado naquela sessentona: as sardas que lhe cobriam o busto.

- Olha, Zenaide, eu não tenho mais nada o que fazer aqui.
- Ah, claro. Irá fugir como sempre!
- Providencie todo o resto.
- Com uma condição!
- Qual?
- Você irá passar esta noite comigo!
- E o velório?
- E quem liga pra velório?

Trato feito. É incrível como há sempre alguém para atrapalhar nossa solidão. Eu só queria ir pra casa, tomar uma boa dose da primeira bebida que eu visse em cima da mesa-de-cabeceira, tirar um cochilo e sonhar com a erisipela na perna da minha mãe morta. Eu queria esquecer um pouco que à noite eu teria que, novamente, foder com Zenaide e enfiar a minha língua naquela boca murcha e desbotada.

## §

Acabei dormindo demais. Já passava da meia-noite. Dane-se. Abri uma garrafa de rum e derramei uma farta dose num copo-americano ainda sujo da noite anterior. Prefiro ficar em casa e beber. Que Zenaide dormisse com os seus fantasmas de estimação. Eu prefiro a bebida ao amor. Quando acaba, a bebida sai na urina. Já o amor vira pedra nos rins. Eu não tinha motivo algum para sair daquela quitinete. Não naquela noite. Zenaide não exercia mais nenhum poder sobre mim. Há muito eu me arranjara. Já perdi a conta de quantos empregos já tive. Não preciso dizer que detesto qualquer merda de emprego, mas, volta e meia, acabo precisando de alguns trocados para pagar o aluguel e os meus vícios diversos. Quando eu levei o copo até a boca para dar o primeiro trago naquele rum vagabundo, alguém toca a campainha. Puta merda! Só podia ser a Zenaide. Essa não cansa do meu pau! Fui até a porta, enfiei meu olho no olho-mágico e vi o filho da puta do Luís Sérgio, o outro filho da minha mãe. Sim, o outro. Eu não chamo esse idiota de irmão

porque seria um pretexto para ele dizer que somos sangue do mesmo sangue, e isso seria desonesto. Meu sangue é tão podre quanto as minhas tripas e não deve ser compartilhado com essa sujeirada consaguínea. Eu não ia abrir a porta pro imbecil, mas ele resolveu apelar:

- Abre aí, Leto! Eu sei que você ta aí, porra!
- Diz o que tu quer daí. Não vou abrir porra nenhuma!
- Porra, Leto! Abre logo!

Tudo o que eu queria na vida era estar só. E eu consegui. A duras penas, consegui. Esse filho da puta nunca havia pisado na minha casa e agora que a mãe morre vem encher o meu saco. Não, eu não quero saber dos mortos, nem dos vivos. Quero apenas estar sozinho. Escondido entre os escombros que restaram das desgraças que eu mesmo fiz questão de conservar. Eu não quero lutar. Nem me defender. Quero apenas estar sozinho ao lado de alguma bebida amarga. Sem mulheres, cães, gatos, ou pássaros atrapalhando meu infortúnio com seu canto repetitivo. Quero morrer sozinho olhando o sol de

domingo pelas frestas da persiana.

– Leto, abre essa porra, cara!

Resolvo abrir a porta. Que aquilo acabasse logo. Eu ainda tinha o resto da madrugada para encher a cara de rum ou qualquer outra bebida que me fizesse esquecer que, logo mais, o sol se levantaria e outro dia de merda cairia sobre nossas cabeças de espantalhos pós-graduados.

– Vâmo lá, Sérgio. Entra aí e tente ser breve!

– Até que enfim! Tava dando o rabo?

– Não, mas é algo que eu preferiria estar fazendo a olhar pra essa sua cara de puta decadente!

– Porra, Leto. Tu é meu irmão!

– Cuidado com o que diz. Eu posso dar um tiro nesse teu cu cheio de hemorróidas!

– Tô precisando conversar, cara. Coloca um pouco desse teu rum aí pra mim!

– Sérgio, não era nem pra você ter se sentado. Fala o que tu quer e some daqui!



- Calma, Leto.
- Já se passaram cinco minutos. Acabou?
- Não. Eu vim te pedir pra você ir comigo ao velório da mamãe.
- Não vou. A minha boa ação já foi feita: paguei todo o funeral.
- Sabe, Leto, tô com um peso na consciência...
- Bate uma punheta que passa.
- É sério. Eu não fui um dia sequer visitar a velha no hospital. Me sinto meio culpado.
- Não perdeu nada. Eu é que agora não tiro aquela maldita erisipela da cabeça!
- Porra, Leto! Tu não tem sensibilidade, bicho!
- Tenho, na glândula.
- Tá vendo? Faz isso por mim, cara. Eu sempre te procurei, você sempre rejeitou minhas ligações ou minhas visitas. Vão comigo até lá, pô. É a última coisa que eu te peço!
- Tudo bem, Sérgio. Com uma condição!
- Qual?
- Nunca mais apareça na minha frente outra vez.

Entendeu?

– Entendi.

Antes de sair, tentei ligar pra Zenaide. O seu telefone estava na caixa-postal. Dane-se. Parei de me preocupar com qualquer coisa que não me faça ficar de pau duro. É por isso que penso tanto na morte. Não há nada que me dê mais tesão nesta vida. É bem verdade que um boquete também não cai mal, e é um negócio que nunca sai de moda.

– Leto, posso te fazer uma pergunta?

– Já fez.

– Escuta, por que você não se casa novamente?

– Casar?

– É, cara. Você ta precisando de uma nova mulher. Não essas putas que você arruma vez ou outra. Uma mulher que tome conta da tua vida.

Mulheres. Esse imbecil fingia não saber que eu já havia tentado me casar diversas vezes. Perdi a conta das

mulheres que já me abandonaram. A maioria pela minha congênita falta de grana. E também porque sou um imutável filho da puta. Todas, absolutamente todas, estão bem. Casaram-se com caras bem sucedidos, abastecem seus carros nos postos Ipiranga e já fizeram laqueadura. Eu continuo o mesmo. Ainda sou aquele cara que muda de calçada, que finge estar dormindo e que deixa o material genético boiando na privada alheia. Não me perdoem. Nunca. Coloquem o meu nome na boca de algum sapo gordo ou gritem-no no meio de algum pesadelo banal.

– Qual é o problema com as putas, Sérgio?

– Nenhum, mas todas elas só querem te meter a mão no bolso e, no outro dia, nem te olham mais na cara.

– Quer coisa melhor? E elas ainda me deixam meter sem camisinha. Eu pago bem!

– Tu não tem jeito.

– Cala a porra dessa boca e vâmo descendo!

Antes de descer o telefone toca. Era Zenaide. Não havia como confundir a sua voz arrogante. O seu pedantismo

me excitava. Sempre detestei as mulheres submissas. Elas costumam pedir licença até para sentar com o rabo em nossa cara.

– Fala, Zenaide!

– Você acha que eu sou mulher de ficar esperando?

– Peguei no sono. Pega leve!

– Eu devia ir até aí e dar uns tiros nesse teu saco peludo e cheio de futuros psicopatas dentro!

– Antes disso você cairia de boca nele, né?

– Olha aqui, Leto. Eu te liguei pra avisar que eu vim pro velório. A defunta não pode ficar sozinha e você bem sabe disso.

– Relaxa, Zenaide. Tô indo aí com o Sérgio.

– Acho bom!

Enfim, descemos. Liguei o carro e nos dirigimos ao velório da nossa amada mãe. Eu deveria estar bebendo. É, eu deveria estar enchendo a cara e jogando garrafas vazias pela janela da sala. Mas estava indo para o tal velório. Não há nada mais idiota. Um morto, inchado e com as

mãos juntinhas em cima da barriga. Imbecis de todos os quilates em volta. Não, eu não deveria estar indo pra esse velório. Não há nada mais babaca.

– Leto, tô com fome. Passa ali naquele Mc Donald’s. Eles têm drive-thru.

– Drive o quê?

– Drive-Thru. Eu não comi nada o dia inteiro, cara.

– Tudo bem.

Fiz a vontade de Sérgio. Engraçado, ele tava a cara do nosso pai. A mesma cara de talibã arrependido. Eu não sei a quem eu puxei. “Há muito ódio em seu rosto. Você é capaz de espancar qualquer um com um simples olhar”. Sim, mamãe. Eu sempre conservei meu ódio. Fiz questão de embalsamá-lo junto com todo aquele desprezo pelo tempo esquartejado. Resguardei a minha violência para os momentos mais sublimes: primavera, beijos de língua e gargarejo com listerine. Hoje, sou até capaz de rezar para os meus algozes e escarrar nas paredes dos meus sonhos mortos.

- Pois não, senhor. O que deseja?
  - Chupar uma buceta.
  - Como, senhor?
  - Chupar uma buceta. Você tem aí?
  - O quê?
  - Uma buceta. Eu quero uma pra viagem.
  - O senhor está sendo desrespeitoso. Vou chamar o gerente!
  - Sim.
  - Pois não, senhor?
  - Eu só pedi dois cheese-burguers. Rápido, estamos com fome!
  - Suzana, este senhor pediu dois cheese-burguers. Por que não anotou o seu pedido?
  - Mas ele disse que...
  - Por favor, que isso não se repita!
- Sérgio me olha com o seu habitual olhar de talibã arrependido. Tira os óculos, limpa o suor do rosto e me olha envergonhado:
- Você não tem jeito. Precisava fazer isso com a moça?

- O quê?
- Toda essa perversão gratuita!
- Qual é o problema, Sérgio? Você gosta de cheese-burger. Eu gosto de chupar buceta. Cada um com sua mania!

Pegamos os lanches e partimos em direção ao velório. Já passavam das duas da madrugada. O sinal fecha. Vejo à direita alguns mendigos bebendo cachaça em volta de uma pequena fogueira improvisada. Dou um sonoro assobio. Resolvo fazer uma boa ação:

- Ei, vocês! Entrem no carro!
- Tá louco, Leto?
- Não. Velório e aniversário precisam ter muita gente. Não tem graça alguma ficar lá só eu, você e a Zenaide.
- Você é um imbecil, Leto!

Três mendigos vêm correndo e entram no carro. O cheiro logo impregna o automóvel e eu sou obrigado a abrir as janelas.

- Moço, tá levando a gente pra onde, hein?

- Não faça perguntas. Vocês entraram porque quiseram.
- Tâmo com fome.
- Pega um cheese-burger!
- Ei, Leto, esse sanduíche é meu!
- Eu paguei. Cala essa boca!

Não acredito em boas ações, caridade e o escambau. Se os deuses, santos e orixás fossem palpáveis, já teríamos enchido-os de tiros. Em seguida, os enterráramos em valas-comuns de cemitérios clandestinos e mandaríamos um bom pedreiro passar concreto por cima das covas. Eu só acredito no canibalismo como a forma mais pura de ação humanitária. O resto é insônia, inadimplência-voluntária e jogo do bicho. Chegamos ao velório. Dou uma rápida olhada para a minha mãe deleitando-se em seu sono eterno dentro daquele caixote de jacarandá. A mesma cara clínica de sempre. “Você é um psicopata que deu errado. Mas eu te digo, meu filho: preserve sua psicopatia. Ela pode ser muito útil daqui a cinco ou dez minutos”. Até que os seus conselhos não eram tão ruins. Dane-se. Ela agora estava ali, repousando na mais



profunda monotonia. Eu a invejei por alguns segundos.

## §

Sérgio se aproximou do caixão e logo começou chorar. Eu sabia que esse filho da puta iria dar esse vexame. Ainda bem que a velha tava morta e não iria chamá-lo de viado na frente de todo mundo. Os três mendigos ficaram num canto da capela, acuados. Olhei para o pequeno altar. Havia uma imagem de São Firmino, que me olhava arditamente e parecia apontar todas as minhas culpas num único gesto. Que eu me lembre, a minha mãe não era nada religiosa. Muito pelo contrário. Pra ser sincero, pouco me importo com isso tudo. As pessoas falam em alma, em motivações astrológicas, em elevação espiritual. "É preciso ter paz na alma". Eu queria mesmo era ter a Luma de Oliveira e uma submetralhadora israelense. Gosto mesmo é das coisas que acontecem sem motivação aparente. Um casal de viralatas cruzando no meio da rua, um vulcão entrando em erupção ou a simples colisão entre um ônibus e um chevette. Não me importa saber se um serial killer foi molestado na infância ou das crises existenciais de um

suicida. Nada mais indubitável que um tiro na têmpora. Que limpem os miolos e pulem o velório. Sem adstringentes. Sem ascendente em saturno ou lua em sagitário. Que o bodisatva que há dentro de você não me dirija a palavra. Que a vida siga o seu sujo e insuportável fluxo como era desde os tempos em que a eternidade não passava de uma velha playboy esportada. Olhei novamente para Sérgio. Agora ele estava com a cabeça repousada sobre as mãos inchadas da mãe putrefata. Um perfeito idiota. Senti um cheiro de café. Havia uma pequena copa por trás do altar. Zenaide deveria estar fazendo umas das únicas coisas que sabia fazer dentro de uma cozinha: café solúvel. Cheiro de café não me remete a nada. É só alguém preparando café. Nada além disso. Diferente de outros cheiros. Cheiro de tragédia, cheiro de merda, cheiro de buceta. São inconfundíveis. Posso senti-los a quilômetros de distância. Isso porque passei boa parte da minha infância cheirando calcinhas usadas. Tragédia, merda e buceta. Não exatamente nesta ordem. Às vezes, a menstruação entrava no pacote. Corrimento idem. Inalava tudo aquilo com a paixão de um

cocainômano. Fissura. Mas café, não. Café é só café e que Zenaide fechasse a janela. Que as almas mortas continuassem a brindar o amanhecer de mais um dia com as suas desgraças inolentes.

– Quer café?

– Não. Prefiro uísque.

– Se você continuar bebendo vai acabar inventando outra desculpa para não me comer daqui a pouco.

– Deixa pra amanhã, Zenaide. Tô cansado!

– Nada disso. Agora que o Sérgio chegou, podemos seguir para casa.

Tomei uma xícara de café e dei um leve tapa na bunda de Zenaide. Para uma senhora da sua idade, até que a sua bunda não estava tão mole. Tudo bem. Eu iria comê-la mais uma vez. O que importava? Seria mais uma entre tantas fodas que tivemos. A diferença é que agora o tesão estava disfarçado de fuga. Tudo bem. O idiota do Sérgio ainda chorava debruçado sobre o cadáver materno.

– Dá um beijo na erisipela!

Zenaide me puxou pelo braço. Nos dirigíamos à porta da capela quando um dos mendigos me interpelou:

- Aí, mano, pensei que você ia levar a gente pra comer!
- E eu lá tenho cara de quem come mendigo?
- Porra, mano, tô com fome!
- Lá na copa tem café e biscoito. Fartem-se!

Entramos no carro. Zenaide logo faz questão de mostrar que está sem calcinha. Puxa o seu elegante vestido verde e me dá uma olhadela sacana. Tudo bem. Eu entendi. Eu iria foder aquela buceta novamente. Ela já havia planejado tudo. A depilação estava em dia. Acelerei o carro e segui para a velha casa onde eu vivera longos anos como um presidiário cheio de regalias. Nada do meu pau dar sinal de ereção. Repousava mole, solto, sem destino aparente dentro de uma cueca samba-canção branca. Confesso que há muito tempo não usava cuecas. Mas algo mudou. Passei a usar cuecas samba-canção. Brancas e azul-claro. Durmo com elas. Deixo o lixo lá embaixo com elas. Vou comprar cigarro com elas. Meu mundo continua

sem fazer sentido algum, mas agora eu uso cuecas samba-canção e elas cobrem dois ou três pentelhos brancos que teimam em denunciar a minha precoce decrepitude. O carro passa por um túnel e Zenaide não perde tempo: mete a mão no “Billy The Kid” dorminhoco.

– Que foi, Zenaide?

– Já vou logo avisando: mole não entra!

– Por favor, Zenaide. Isso não é momento. Você sabe que eu tô mal com isso tudo e...

– HÁ-HÁ-HÁ! Você é mesmo um cínico, tal qual sua mãe!

– Pode ser.

– Já o Sérgio puxou ao pai. Tem espírito de corno!

– Isso é!

– Vem, deixa eu colocar esse animal pra fora. Vou deixar ele no ponto!

Zenaide abre o zíper da minha calça e começa e me boquetear com o carro em movimento. Ela não havia perdido o jeito sereno de chupar um pau. O fazia com os olhos fechados, como se fosse a Anita Ekberg beijando o

Marcelo Mastroianni em “La Dolce Vita”. Mas havia algo diferente naquela mulher. Há uns trinta anos atrás, ela ainda me fazia lembrar a Lúcia Veríssimo. Charmosa, imponente. Me deixava de pau duro a quilômetros de distância. Pouco disso restara e o meu pau também sabia disso.

– O que é que tá havendo?

– Tô lhe falando, ele não funciona sob pressão!

– Olha aqui, Leto, me responde com sinceridade: você já arrumou outra mulher, né?

– Não, Zenaide. Não arrumei. Estou tão sozinho como nunca estive antes.

– Então o problema é comigo?

– Não, é que...Zenaide, quando chegarmos à sua casa ele endurece. Você vai ver!

Chegamos. Zenaide abre a porta. Uma sensação estranha me tomou de assalto. Aquele lugar. Velhas lembranças. Pensamentos furtivos me percorriam a cada móvel que eu passava a mão. Tudo estava do mesmo jeito de antes.

Impecável. Nada havia mudado. Exceto o meu tesão. Este tentava fugir pela janela da sala e me deixar a sós com uma mulher capaz de qualquer coisa para me ter por, pelo menos, mais uma noite. Zenaide me empurra no velho sofá de veludo azul. Arranca a minha calça e volta a me chupar. Tentei pensar em outras coisas: tiro na têmpora, calcinhas de helanca e a empada de calabresa que o velho Tito Gonucci fazia todas as terças-feiras. Reabri os olhos: uma ereção. Nada mal. Eu não lembrava que o meu pau era capaz de crescer tanto na boca de uma profissional. Zenaide não perdeu tempo. E foi melhor assim: eu não saberia quanto tempo aquele veiudo desgraçado iria ficar de pé. Sentou em cima com classe. Um intenso galope se seguiu. Forte, rápido. Aquela mulher não trepava há anos. Não vou mentir: até que tava bom. Ao contrário do que muitos pensam, uma sexagenária pode ter a buceta tão molhada quanto uma ninfeta de vinte anos. Não demorei a gozar. Zenaide parecia satisfeita. Me deu um longo beijo de língua e se levantou:

– Vou pegar uma bebida!



Eu queria dormir. Eu sentia a necessidade de dormir algumas horas. Zenaide apareceu na sala. Nua, gostosa como sempre. Uma garrafa de gim na mão direita e duas taças na mão esquerda. Se aproximou ainda quente. Me deu outro beijo molhado. Olhei para o seu rosto. Ainda havia resquícios da minha Lúcia Veríssimo ali. Bebemos meia garrafa. Apaguei no sofá de veludo azul e Zenaide no belo tapete egípcio onde já tínhamos dado trepadas homéricas. Aquela era a minha mulher? Não, não era. A minha mulher se chama realidade. Ela é cega do olho direito e só gosta de foder cerrando as unhas. Eu costumo tratá-la bem, apesar de não parecer recíproco. Aguento a fedentina que sai de todos os seus poros e ela aguenta as minhas bebedeiras, demissões, achaques e dívidas de cartão-de-crédito. Mês sim, mês não, ela me convence a efetuar o pagamento mínimo. É pro nosso bem. É por ela que eu vivo encalacrado em meu infortúnio e até faço promessas de amor impossíveis. Gosto do seu olhar trágico me dizendo, todos os dias, que está tudo acabado. Ela não presta, nem eu. Mas nos bastamos. O resto que se

dane!

## §

Quando acordei, Zenaide ainda estava desmaiada sobre o tapete. Resolvi sair de mansinho. Catei minhas roupas e me mandei. Enfim, estaria em casa. A sós comigo mesmo e o resto do mundo que fosse à puta que pariu! O velório e o enterro idem. Que aquele cretino do Sérgio tomasse conta de tudo. Nunca fez nada mesmo. Cheguei ao meu santuário. Minha quitinete. Eu adorava aquele lugar. Só ele entendia as minhas separações, demissões e flertes suicidas. Três separações em dois anos. Só perde para o número de demissões: foram quatro. Danem-se as separações. Nunca me importei com isso. Mas existe um porém: não há nada pior do que a separação quando se está desempregado. Você acaba não tendo outra saída senão passar uns tempos na casa da sua mãe. Essa é a pior parte: ver aquela mulher retrucando pra lá e pra cá com um cigarro importado entre os dedos, perguntando quanto tempo você pretende ficar. Não há muita diferença entre as mães e as esposas, a não ser pelo fato de que com as esposas podemos desafogar nosso ódio com uma boa

noite de sexo. Mas ambas se cansaram de mim facilmente. É por isso que eu topo qualquer serviço só pra ter o pretexto de manter o aluguel do meu muquifo em dia e começar tudo outra vez. Detesto a estaca-zero. Me faz sempre lembrar que está tudo perdido. Nada vale a pena. A não ser as gozadas que dou dentro das bucetas quentes que teimam em se abrir para fracassados do meu quilate. Dane-se. Ainda eram cinco e meia da manhã. Resolvi dormir um pouco mais. Quando acordei novamente, já passavam das nove horas. Nada como acordar e dar uma bela cagada. Não sei se é sinal de que o dia será bom ou ruim, mas você fica mais leve. Esquece que os credores irão te ligar assim que o horário comercial começar. Tomo um banho rápido. Visto um velho calção da adidas e vou até a janela fumar um cigarro. A loira gostosa do prédio vizinho passeava com seu shi-tzu. O marido dela devia ser embarcado da Petrobrás. Ele nunca tava em casa. Digo isso, pois a janela do meu quarto dava direto pro apartamento dela. Perdi a conta das vezes em que a vi nua. Sentia um ar melancólico em seu olhar cada vez que ela pegava a toalha para se enxugar. Depois vinha o

hidratante. Em seguida o perfume. Podia sentir o cheiro dali. Meu deus, nem precisava de binóculos. O que eu poderia oferecer àquela mulher? Meus enlatados? Meu colchão velho e algumas baratas percorrendo meu muquifo? Eu prefiro olhar. Só olhar. Não há muito o que fazer. Daqui a pouco os cidadãos corretos desta cidade imunda irão sair para o trabalho. Seus filhos irão para a escola aprender alguma coisa inútil. As loiras gostosas irão para a academia. Os velhos irão para as filas das lotéricas e tentarão a sorte na mega-sena. Os ladrões continuarão roubando. Os assassinos continuarão matando. Os bêbados continuarão bebendo e os fracassados continuarão a fracassar. Eu só queria continuar debruçado na janela pelo resto do dia. Ou pelo resto da vida. O telefone toca. Era Sérgio:

– Leto?

– O que foi agora, Sérgio? Qual parte do nosso trato você não entendeu?

– Que trato?

– Não dar as caras. Não me procurar mais. Esqueceu?

- Porra, Leto. Pega leve. Tô mal.
- Você sempre tá mal. É incrível.
- O enterro será às cinco da tarde. Você vai?
- E eu sou o coveiro?
- Caramba, Leto, vê se, pelo menos uma vez na vida, faz algo de bom por alguém.
- E quem disse que comparecer ao enterro dessa canalha é “fazer algo de bom”? Me erra, Sérgio. Vai dar o rabo pros mendigos aí na capela. Só não se esquece de tapar os olhos do São Firmino.
- Tudo bem, Leto. Você continua o mesmo: não foi pro enterro do nosso pai, não vai pro enterro da nossa mãe. Espero que alguém vá pro seu enterro ou, pelo menos, saiba que você morreu!
- Eu já morri há muito tempo. Você tá falando com exu arranca-toco. Ele incorporou em mim pra vida inteira!
- Não dá pra falar com você, Leto. Tudo bem. Vou seguir seu conselho. Nunca mais vou te procurar. Mas lembre-se: se precisar de mim, estarei sempre aqui pra te ajudar.
- Enfia essa ajuda no cu, Sérgio. Você não passa de um escroque. Sempre foi. Vê se se enterra junto da velha e

esquece o meu número, falô?

– Tudo bem, Leto. Adeus!

Adeus? Aquele idiota iria me ligar antes do enterro, certeza. Dane-se. Que ele fosse chorar no colo de sua mulher chifreira ou mergulhasse de cabeça dentro da cova da mãe bastarda. Eu me sentia cansado de toda aquela mentira deslavada. Queria mais é que todos os vulcões adormecidos entrassem em erupção de uma só vez. Morte nunca é demais. E a dos outros me excita mais do que a minha própria.

## §

Há várias formas de acabar com própria vida. Casamento, filhos, 44 horas semanais de trabalho e empréstimos consignados. Suicídio é só um pretexto mais rápido de acabar com tudo isso. Às vezes eu penso que a vida pode se resumir no teimoso adiamento que fazemos do suicídio. Sempre deixamos para amanhã. Ou para a próxima semana. Não é por medo ou falta de coragem. A frugal tolice que carregamos nos bolsos furados de nossa esperança acaba por nos convencer de que o dia de amanhã possa, quem sabe, trazer uma mentira mais confortável no bico de um algum urubu de asas partidas. Mas o outro dia sempre vem. É inevitável. Infelizmente, Deus não pode atender a todos os pedidos de infarto fulminante que recebe diariamente. Morrer enquanto dorme é algo tão desejado quanto o sonho da cada própria. O fato é que quando o dia amanhece, temos a plena certeza de que a vida não muda. Nem irá mudar. Aí já é tarde. Esquecemos as doces promessas suicidas que fizemos no dia anterior e juramos, inutilmente, que o



tempo poderá nos dar algumas sobras. Engano. Puro engano. Tornaremos a arrastar os dias até que apareçam novos pentelhos brancos, varizes, incontinência-urinária e cobranças indevidas no cartão de crédito. Estamos condenados a vida pelas mesmas motivações que nos impedem de pular do alto de um arranha-céu multicolorido num fim de tarde qualquer. Eu havia desistido de tudo, inclusive de querer me jogar debaixo das rodas de um ônibus. Já era tarde demais para um ato de amor-próprio desta qualidade. Foi por isso que eu resolvi cruzar os braços. Cumplicidade é uma doença canina. Os meus fantasmas já me olhavam enojados. Já não havia lembrança alguma que pudesse me corroer. Eu não ponho a culpa em Deus. Ele já está ocupado demais tendo que lidar com os dizimistas inadimplentes. E a culpa também não é minha. Eu sempre fiz o que pude para estar pior do que estou agora, mas não consegui ser tão eficiente. O interfone toca.

– Seu Leto?

– Seu nada, Miro. O que foi agora? Infiltração? Carne

nova no pedaço?

– Não, seu Leto. Tem alguém aqui querendo subir, mas eu tô tentando explicar que o senhor não quer receber ninguém, né?

– Isso, Miro. Expulsa o encosto aí.

– Mas a pessoa tá insistindo, seu Leto. Vou passa pro senhor!

– Miro, eu n...

– Alô, Leto?

– Quem é?

– É a Miriam.

– O que você quer, Miriam?

– Subir. Posso?

– Que foi? Terminou outro casamento e quer desafogar as mágoas comigo? Justo comigo? Me erra!

– Não, Leto. Fiquei com vontade de te ver. Soube que a dona Nádia morreu.

– Pois é, fez um grande favor para a humanidade. Melhor que as ogivas nucleares do gordinho lá da Coréia.

– Leto...

– Fala, Miriam.

– Tô subindo!

Não tive como evitar. Ela estava mesma decidida a subir e não dá pra controlar o desejo de uma mulher. Seja ele o de matar ou o de abrir as pernas. Coloquei uma bermuda e fui abrir a porta. Dez anos se passaram, mas ela pouco havia mudado. O seu rosto me lembrava o daquela atriz...a Maria Ribeiro. Olhos juntinhos. Boca carnuda. Jeito meio desconcertado de dizer as coisas. Abri o olho-mágico. Sua blusa decotada me deu um tesão instantâneo. Segurei o pau com a mão esquerda e, com a direita, rodei a chave. Ela ficou ali, parada, sem reação aparente. Evitei olhar diretamente em seus olhos. Evito olhar diretamente nos olhos das mulheres ressentidas e dos pitbulls. Ninguém sabe do que são capazes de fazer.

– Vai ficar aí parada?

– Te atrapalho?

– Eu me atrapalho, Miriam. Entra, vai!

Ela entrou. Pôs sua bolsa sobre o sofá e foi até a janela. Estava tudo igual ao dia em que ele resolveu se mandar. Miriam foi a minha última mulher. Desde então, me distraio com putas e outras bucetas fortuitas. O seu olhar repousa sobre tudo aquilo que ela rejeitara. Eu já não sabia muito sobre sua vida. Nos distanciamos desde a separação. O que sabia é que ela havia se casado com um rico empresário do ramo de cotonetes, que morrera há alguns anos atrás num assassinato nunca esclarecido. Sabia que Miriam tava enrolada nessa história. Eu tinha quase certeza. Dane-se. Se ela queria conversar comigo, que o fizesse. Eu era todo pau e ouvidos.

– Leto...

– Fala, Miriam.

– Lembra de quando você me pendurava na beirada da janela pra me chupar?

– Lembro.

– Você nunca me deixaria cair, né?

– Não. Eu queria te chupar. Não perderia isso por uma besteira desse tipo.

- Eu te amo, Leto.
- Olha aqui, Miriam. Eu não quero me sentir responsável por qualquer bom sentimento que os outros tenham a meu respeito. Você sabe quem eu sou.
- Sei, Leto. É por isso que te amo.
- Por que o cara dos cotonetes não te engravidou?
- Ele fez vasectomia. E eu também não queria engravidar daquele babaca!
- Você se deu bem, Miriam. Babaca ou não, ele te deixou na boa.
- Que seja.
- O que deu em você pra vir até aqui, Miriam?
- Eu já disse, Leto: eu te amo, porra! Senti vontade de te ver!
- Não sei que vontade é essa. Há dez anos eu era um alcoólatra, maníaco inveterado, machista, niilista e ilusionista de puteiro. Mudou de idéia?
- Não, não mudei. Eu estive errada quanto a mim mesma, não a você.
- Eu não quero falar dessas coisas, Miriam. Seja breve.
- Serei: casa comigo?

– Você me tira do meu sossego pra vir até aqui falar em casamento?

– Não desdenha, Leto. Eu tive que repensar muito antes de estar aqui na sua frente de novo.

– Então vá pra casa e repense mais um pouco. De ladainhas, bastam as minhas.

– Você também me ama, Leto. Eu sei disso.

– Sabe?

– Sim, eu sei. Sei que você já pediu meu telefone para a minha irmã outro dia no bar.

– Eu tava bêbado.

– Você tá sempre bêbado, Leto. Não faz diferença.

– Miriam...

– Eu te quero, Leto. Vem, me come! Vâmo economizar todo esse monte de palavras inúteis!

Fiz a sua vontade. Fodemos outra vez depois de dez anos. Gozei litros de mágoas dentro daquela mulher. Ela mantinha os olhos abertos, como sempre. Isso sempre me fez desconfiar de Miriam. Olhos abertos para beijar de língua, olhos abertos para gozar, olhos abertos para matar o babaca dos cotonetes. Descansamos sobre o colchão.

- Quero um filho teu.
- Não fala bobagem.
- Não é bobagem!
- Claro que é! É por isso que o sexo é tão perigoso quanto um míssil de longo-alcance: ele gera psicopatas, mendigos, veterinários e até cantores de pagode.
- Mas eu quero!
- E eu ignoro o que quer que você queira!
- Você me odeia tanto assim?
- Meu ódio é desmedido, Miriam. Não queira se sentir a única contemplada.
- Pois eu crio o filho sozinha!
- Não, não será assim. Quando o moleque estiver com cinco anos você irá passar aqui, treparemos outra vez e o moleque quebrará toda a minha casa enquanto isso.
- Leto, você é um câncer no cu desse mundo, sabia?
- Sei. E sei tanto que tô te dando outra chance de ouro de sumir da minha frente. Isso não é bom?
- Não. Dessa vez eu vim pra ficar.
- Que é Miriam? Resolveu acabar comigo como fez com o cara lá dos cotonetes?

- Não fala o que você não sabe!
- Até parece que eu não sei que você tramou a morte do cara. Acha que nasci ontem?
- Não brinca com isso, Leto!
- Não brinca você, ora! Vai, aproveita que o meu pau ainda ta duro e vira pro lado!
- Nunca mais, ouviu bem, nunca mais toca no assunto da morte daquele filho da puta!

Miriam desaba no choro. Berra feito louca e eu fico ali assistindo a tudo aquilo com um copo de cinzano-rosso na mão. Eu precisava recompor a circulação sanguínea. Aquela foda acabou comigo.

- Vai, Miriam, bebe aí!
- Leto, não me abandona novamente!
- Te abandonar? Quem saiu por aquela porta há dez anos foi você!
- Por que você me abandonou, Leto. Você sempre preferiu a si mesmo. O mundo gira em torno do seu pau e você sabe disso!
- Que tal deixar as coisas como estão?
- Não, Leto, não! Eu já disse: vim pra ficar!



– Então não seria melhor nos mudarmos para aquela sua mega cobertura na praia?

– Eu vendi, Leto. Assim como também vendi a empresa de cotonetes para um grupo de empresários chineses. Quero começar tudo de novo contigo. Você não entende?

– Não, não entendo. Eu entenderia, perfeitamente, se você quisesse me matar, me empalar, me esfolar vivo ou dar um tiro no meu cu. Mas querer começar tudo de novo?

– Me dá uma chance, Leto. Temos grana suficiente pra passar o resto da vida numa boa. Podemos nos mudar daqui se você quiser. Comprar uma casa na praia ou até ir morar numa pequena província uruguaia. Mas me dá uma chance, porra! Eu te amo!

– Miriam, vai embora. Por favor!

– Leto...

– Eu não vou repetir.

– Tudo bem. Você sabe onde me encontrar, não sabe?

– Não, não sei e nem quero saber. Não se pode querer ficar repetindo erros antigos, não percebe? Eu tenho muitos erros novos pela frente.

- O seu filho, por exemplo?
- Miriam, me deixa sozinho, por favor!
- Irei para o enterro da sua mãe, Leto. Nos encontraremos lá?
- Não, não nos encontraremos. Eu não vou a lugar algum.
- Até outro dia, Leto. Eu sei que você irá pensar sobre tudo o que conversamos aqui hoje. Eu sei que, a qualquer momento, você matará esse personagem que te carrega a quarenta e dois anos.
- Se ele me carrega, é ele quem tem que me matar!

## §

Por um momento, eu achei que realmente estivesse louco. Quem mais rejeitaria um plano de aposentadoria como aquele? “Temos grana suficiente pra passar o resto da vida numa boa”. Seria o sonho de qualquer brasileiro fodido, e com a vantagem de não precisar pagar o carnê da previdência social. Mas eu recusei. Assim como sempre recusei qualquer tipo de armadilha que viesse camuflada de sorte. O que Miriam e Zenaide não sabiam é que eu estava foddidamente apaixonado. E elas não tinham nada a ver com isso. Há duas situações que expõem drasticamente a fraqueza do indivíduo: cagar-se nas calças e estar apaixonado. Eu não parava de pensar no último encontro que tivera com Ísis, há uns quatro meses atrás. A única filha de Zenaide agora era uma bela mulher. Uma bela trintona. Sofisticada, olhos de esfinge. Seria capaz de matar um homem num simples gesto de acender um isqueiro. A ponta do cigarro encostava-se ao fogo. Seu olhar encostava-se ao fogo. Eu queria aquela mulher assim como eu queria a hecatombe final no meio

da madrugada. Ísis era artista plástica. Passara alguns anos em Florença e resolvera voltar. Assim que voltou, fez questão de me procurar. Era algo diferente. Aquela mulher parecia ter uma auto-suficiência congênita. Nunca precisou da mãe, de amigos ou de homem algum. Nutria por Zenaide um desprezo brutal. E eu a entendia. Tomei um banho demorado ao mesmo tempo em que pensava em Ísis e nos seus lábios cor de chiclete. Mas que porra de vida eu daria àquela mulher? Eu nunca fui bom em nada, a não ser em estelionato. E você tem que ser bom em alguma coisa. Não importa em quê. Boquete, estelionato, trambiques, punheta ambidestra ou arremessador de piúba de cigarro. Não importa. Se você não for bom em nada, nem mesmo em jogo-do-bicho, você estará fadado a procurar emprego. Antes disso, você fará uma faculdade. Por que ainda insistem nisso? Ou quem sabe um desses cursos técnicos espalhados em cada esquina da cidade. Em nenhum deles você irá aprender, de forma rápida e prática, técnicas avançadas de fraude financeira. No máximo, você irá aprender a bater um raio-x ou limpar bunda de velho com uma vestimenta branca, luvas e

máscara cirúrgica. Se essa história de ser útil fosse levada a sério, deveríamos estar todos limpando fossas. Sim, limpar fossa é puro auto-conhecimento. Você não precisa de Dalai-Lama, Marx, Gandhi ou Krishna. Você precisa limpar fossas. Respirar seu próprio hálito. Mas não. Você quer ser bom em alguma coisa e isso é impossível. O bandido da luz vermelha tentou, os caras que assaltaram o banco central chegaram perto. Todos eles, em algum momento, acabaram caindo na real. Se todos os caminhos levam ao fracasso, tudo o que você precisa é olhar pro seu espelho mofado e, diariamente, arrumar um jeito mais cruel de mentir para si mesmo. Saio do banheiro e abro o guarda-roupa. Sim, eu vestiria a minha melhor roupa naquele dia, e não tinha nada a ver com a questão do enterro. Meu pai costumava dizer que não importa o quão fodido você esteja. “Acorde, tire a barba, passe um bom desodorante e se perfume. Vista a sua melhor roupa. A melhor mesmo. Coloque um chapéu panamá na cabeça e uma capanga debaixo do braço. Vá à rua. Entre e saia do Banco do Brasil umas três ou quatro vezes, nem que seja só para tirar saldos zerados. Ao meio-dia, entre num

restaurante desses mais metidos a besta. Disfarce a vá ao banheiro. Na volta, pegue um palito de dentes e o coloque na boca. Dê um tapinha no ombro do garçom e agradeça pelo bom serviço. À tarde, repita tudo novamente. Meu filho, você pode estar fodido, mas manter a pose é fundamental!”. Me vesti bem naquele dia. Aquela roupa me fez parecer Al Pacino em “Donnie Brasco”. Eu tinha o endereço do atelier de Ísis guardado na primeira gaveta do criado-mudo. Estava lá. Eu a convidaria para almoçar e, logo após, viríamos até a minha quitinete e tomaríamos um bom vinho do porto que eu havia ganhado de uma traficante no ano anterior. Beberíamos aquele vinho e, em seguida, foderíamos como bons animais. O atelier ficava num bairro perto do centro. Um lugar charmoso, mas brega ao mesmo tempo. Estacionei o carro perto da esquina e desci. Toquei o interfone e uma voz doce e rouca atendeu:

– Quem é?

– Leto.

– Leto? Você?

– É. Tava passando aqui perto e resolvi te ver. Posso entrar?

– Claro!

Ísis estava linda como nunca. E eu realmente estava apaixonado como um bom otário. Na verdade, eu sempre fiz os outros de otário. Não me importaria nenhum pouco se fizesse esse papel pelo menos uma vez na vida. Fiquei observando-a a certa distância enquanto ela despejava um pouco de licor em dois cálices. A perfeição em forma de mulher. Lembrava muito Zenaide quando jovem. Mas eu não queria lembrar de Zenaide. Eu tinha a mulher que iria acabar de devastar a minha vida bem em frente aos meus olhos de bêbado-cético e eu queria mais é que a minha memória virasse, de vez, um cemitério de ilusões perdidas. Imaginei que, talvez, ainda houvesse alguma saída para aquele mar de tragédias em que eu estava submerso há quarenta e dois anos. Aquela mulher que eu vi nascer, crescer e tocar siririca com a porta do quarto entreaberta, enfim, poderia aliviar o peso da minha alma morta.

- Quem é vivo sempre aparece!
- Sempre apodrece, você quer dizer.
- Leto, você some de repente.
- Eu sei.
- Sinto muito pela Nádia.
- Não falemos sobre isso.
- Você vai ao enterro?
- Não, Miriam. Não irei. Pra falar a verdade, eu não tenho nada a ver com tudo isso. Aquela mulher já não é capaz de dizer nada. Ela pôde fazer isso em vida, mas sempre preferiu a sua vidinha de pomba-gira requintada.
- Te entendo, Leto. Você sabe que eu sempre fiz questão de fugir da Zenaide. Nós temos algo em comum, você sabe disso.
- O quê?
- Sei lá, os problemas.
- Pensei que você ir falar do tesão.
- Ah, Leto. Você pode ser mais romântico do que isso. Faz um esforço, vai.
- Ísis, casa comigo?



– Como?

– Tô feito um cachorro otário pensando em você dia e noite. De ontem pra hoje, aconteceram várias coisas e todas elas me trouxeram até aqui. Eu precisava ficar frente a frente com você e dizer isso.

– Leto? É você mesmo?

– Claro, pô. Ísis, se eu estiver falando alguma bobagem, por favor, chute o meu rabo e me expulse daqui. Mas, naquele dia em que nos reencontramos, eu sabia que algo aconteceria.

– Você preferiu ficar sozinho, lembra?

– Eu sempre preferi ficar sozinho, Ísis.

– E então? Por que agora vem falar essas coisas?

– Deixa pra lá.

–Leto, eu gosto de você. Muito. Mas você tem que saber o que quer de vez em quando. Sabe, eu resolvi voltar da Itália depois daquele seu telefonema. Eu senti uma verdade, uma miserável verdade naquelas suas palavras. Voltei, e você? Fugiu como sempre. Você desdenha de tudo ao seu redor. Nunca foi capaz de arcar com as conseqüências. Parece superior demais para abandonar a

si mesmo.

– Você tá errada. É por ter me abandonado há tanto tempo que eu já não vejo outra saída senão me deixar levar por qualquer coisa que eu sinta que não seja uma simples ereção.

Aquela conversa não iria nos levar a canto algum. Pensei em agarrá-la pela cintura e enfiar minha língua dentro daquela boca delicada. Em seguida, empurraria aquele monte de inúteis esculturas de gesso em cima da mesa e devoraria o seu corpo como um bom canibal desalmado. Mas não o fiz. Não sei por que, mas não o fiz. Fiquei apenas olhando aquela mulher balbuciar palavras que já não faziam sentido algum. Bobagem esse negócio de estar apaixonado. Eu sempre esperei pela iniciativa das mulheres. Sempre foi assim e continuaria sendo.

– Você precisa mesmo de mim ou tá só querendo continuar com essa mania inútil de colecionar pretextos?

– Eu não precisaria de você se não fosse tão covarde, Ísis. Foi a covardia de uma vida inteira que me trouxe até aqui.

– Eu sempre quis ser sua, Leto. Você nunca percebia.

Cansei de ver você e a mamãe trepando feito loucos de madrugada. Eu queria estar no lugar dela. Todas aquelas vezes, eu queria estar ali no lugar daquela desgraçada!

– Esqueça toda aquela merda, Ísis. Eu não vim até aqui à toa, porra!

– Olha, Leto, seja o que for que você queira, que haja um mínimo de certeza.

– Eu nunca soube o que fazer com as minhas dúvidas, Ísis. Muito menos com as minhas certezas.

– Caso queira, vá até a minha casa esta noite. Talvez você tenha algo a dizer.

– E se eu não tiver?

– Que invente! Eu tenho alguns trabalhos a fazer esta tarde. Não posso esperar que você continue tropeçando nas mesmas palavras de sempre!

– Tudo bem.

– Leto...

– Fala!

– Eu não quero ser a sua nova renúncia.

Definitivamente, eu não deveria ter ido até aquele atelier. Quarenta e dois anos nas costas e eu ainda parecia insistir

nos mesmos erros que me trouxeram até aqui. Eu deveria saber que eu não passava de um animal selvagem que deve ser mantido à distância. Isolado. Cercado. É claro que eu deveria saber que o meu lugar era o confinamento ou a mais remota sobrevivência. Eu seria, facilmente, um desses detentos conformados. Sem essa de advogado entrando com recursos ou apelações. Semi-aberto? Nem pensar. Sou um enclausurado nato. Desses que já se deram conta de que o mundo lá fora em nada se diferencia do mundo que inventamos quando falamos sozinhos.

## §

Entrei no carro. Eu não iria mais procurar Ísis. Ou, pelo menos, tentaria não fazer isso. Que toda aquela merda sobre estar apaixonado não passasse de gases. Repetimos erros nesta vida como forma de dar vazão a uma existência tão óbvia. Nascer, crescer, gozar, odiar, matar e morrer. Tudo é tão certo como acordar de pau duro. Caberia a mim esquecer toda aquela idiotice e me resguardar dos bons sentimentos enquanto houvesse fluxo sanguíneo neste corpo em pleno processo de putrefação. Pus o carro na auto-estrada e passei a dirigir sem destino algum. Se o carro fosse parar no quinto dos infernos, seria a minha redenção. Mas não foi. Havia um princípio de chuva no céu e a pista começava a ficar um pouco escorregadia. Vieram-me à mente algumas lembranças da minha mãe. Seus inúmeros maridos. Inclusive um alemão, que se alimentava de peixes crus e rivotril. Casamento. Tá aí uma coisa que devemos sempre evitar, a não ser que nos convidem para a festa. O fato de comer uma buceta, por melhor que ela seja, não vale o que vem depois. Eu

digo isso com propriedade. Bem, não se pode querer abraçar o mundo com braços tão curtos. Que abracemos as putas, os juros do cartão de crédito, as garrafas de uísque e a morte vestida de Odete Lara. Tava começando a ficar com fome. Eu não voltaria para a cidade. Tudo lá me cheirava a cravos de defunto. Um cheiro impregnado em tudo que se movia. Resolvi parar numa churrascaria que havia próxima ao acostamento. Tudo vazio. Só as moscas rondavam as mesas e o único garçom estava com o dedo enfiado no nariz. Aquilo, sim, era a vida em seu estado natural: o mais puro infortúnio, ali, ornamentando aquele ambiente como um quadro de Cézanne na parede da suíte de Zenaide. Tudo me fazia voltar à vida que eu havia despedido. Uma vida inútil, que também terminaria de forma inútil. O presente não existe. Esse negócio de "aqui e agora" é coisa de pregador de auto-ajuda. O que existe é o passado que nos condiciona a olhar pro céu vermelho das cinco-e-meia sem esquecer das cagadas de sete anos atrás, e o futuro que não nos deixa dormir sem antes nos fazer pensar que amanhã os juros do INPC continuarão rolando. Pedi um copo-duplo

de uísque.

– Só tem Old Eight!

– Serve!

Gosto de beber sozinho. Seja em casa ou no bar. No caso do bar, prefiro os desconhecidos. Quando eu começo a ir muito ao mesmo bar, fico meio incomodado. Detesto familiaridade. Procuro uma mesa no canto e fico bebericando minha bebida predileta e ruminando pensamentos torpes. Gosto quando o dono do bar me olha desconfiado. Como este garçom. Afinal, eles estão acostumados aos bêbados de sempre. Aqueles que deixam a conta pendurada e lhe fazem sentir que a aposentadoria ainda é a melhor opção. Eu não tenho nada a oferecer a quem está nas outras mesas. Evito conversa. Desvio olhares. Observo o que tenho que observar. Deixo uma nota sobre a mesa. Que o troco fique pro santo. Mais tarde eu voltaria pra casa e a minha sombra continua a sua sentinela. Desde que haja fartura de bebida, não me importo em fazer as mesmas coisas todos os dias. A rotina

só parece algo idiota quando estamos sóbrios. “Você gasta muito com bebida. É por isso que por isso que suas calças estão todas rasgadas na região do saco!”. Miriam repetia isso quase todos os dias. Bobagem parar de beber ou fumar porque são hábitos dispendiosos financeiramente. Você acabará gastando a mesma merda em coisas mais fúteis, pode apostar. Certa vez, eu tentei parar de beber e fumar durante três ou quatro dias. Comprei um barbeador-elétrico e malditas meias estampadas. Pura bobagem.

– Garçon, mais um copo-duplo!

Engraçado, esse garçom parecia com um dos namorados da minha mãe. Aquele que tocava trombone na banda sinfônica e jurava de pé junto que não era pederasta.

– Você toca trombone?

– Não.

– Tá, se manda!

Que se danassem todos. Minha mãe, Zenaide, Sérgio, Miriam e Ísis. Que fossem fazer uma grande suruba no



nono portal do inferno. Eu me viraria, certamente. Tinha alguns trocados no banco. Dívidas idem. Aliás, eu sempre evitei tirar todo o meu dinheiro do banco. Fazia questão de ir, pelo menos, duas vezes na semana retirar a quantia que iria precisar. O pretexto era simples: ver a bela bunda da gerente do Bradesco e tirar alguma dúvida despropositada só pra ouvi-la dizer com seu genuíno sotaque carioca: "o limitxxxxe diário é doixxx mil, exxxxqueceu?". Eu sou um doente crônico, eu sei. Mas estou muito cansado pra qualquer tipo de sentimento. Inclusive o medo. Só o cansaço é capaz de vencer o medo. É por isso que os mendigos pouco se importam em retomar uma vida comum. Isso lhes soaria ridículo. Acordar, tomar café com torradas e fumar um cigarro. Tomar um banho, dar ré no carro, chegar ao trabalho e cumprimentar a todos. É preferível ficar olhando fixamente para as rachaduras da marquise. Não tem como dar errado. A vida irá sempre se repetir independente do lado para onde giramos nossas cabeças.

## §

Fui ao banheiro dar uma mijada. Cheiro de uréia e merda entranhado naquele cubículo onde mal cabia um mictório, um sanitário com a descarga quebrada e uma pia encardida. Passei de relance e o espelho tratou de captar a imagem do meu rosto. Cabelos quase que completamente brancos. Barba por fazer. Quatro dias sem tirar a barba. Nunca passo tanto tempo. Pudera, as desventuras só aumentam com o passar das horas. Meu pai costumava dizer que um homem deve tirar a barba todos os dias e, ao sair de casa, vestir uma boa roupa. “Nunca se sabe o dia em que iremos morrer. Precaução não custa nada, meu filho”. Pus o pau pra fora e comecei uma longa mijada. Há muito não mijava daquele jeito. Às vezes, aliviar a bexiga é melhor que gozar. Até fechei os olhos. Puta merda! Senti alguém do meu lado. Abri o olho esquerdo e vi um sujeito peculiar: velho, cabelos e bigode pintados de preto, camisa, calça e sapatos brancos. Ou era médico ou pai-de-santo. Não, não devia ser o Mefistófeles e, caso fosse, eu faria questão de lhe dar uns bons

pontapés naquele traseiro satânico. O cara mijava e olhava pro próprio pau. Um olhar vangloriante. Terminamos igualmente. Cheguei primeiro a pia. Lavei as mãos e o rosto. O velho se aproximou:

– Cansado, amigo?

– Como sempre.

– Tava olhando você beber, sozinho como um maldito cão abandonado.

– Tá me paquerando?

– Não, cara. Eu também gosto de beber sozinho. E não tem nada a ver com paz de espírito.

– Paz de espírito que se dane.

– Sabe, por que não bebemos juntos. Você parece ter algo a dizer. Se é que me entende.

– Depende do que você quer que eu diga.

– Nada demais. Você parece que está sempre certo. Gosto disso.

– Tudo bem, coroa. O que é que você quer?

– Uma boa casa na praia. E você?

– Matar alguém. Mais de quarenta anos de vida e eu

ainda não fiz o que mais tenho vontade de fazer.

– Anda sem tempo?

– Não. Ando desarmado.

– Eu já matei algumas pessoas, sabe. Vinte e dois anos de cadeia. Fora as fugas que não foram poucas.

– Tô começando a gostar de você. Ok, vamos beber um pouco.

O velho arregaçou as mangas da camisa e eu pude reparar nas inúmeras tatuagens que ele possuía. Todas do tempo em que ele puxou cana. Peguei a garrafa de Old Eight e a levei até a sua mesa. Parecia um sujeito educado. Muito me lembrava o Roberto Muller, antigo cantor de brega.

– Aí, coroa, tu é médico, pai-de-santo ou anjo-exterminador?

– Sou a soma dos três. Ou seja: um pilantra arrematado.

– Por que tem tanta certeza disso?

– Quando um sujeito passa dos setenta anos, já não precisa duvidar de mais nada.

– Sério?

– Sim. A dúvida é a síndrome dos jovens. Essa coisa de querer se encontrar na vida. Sair por aí. Pôr o pé na

estrada. Rir, chorar, esperar.

– Gosto de conversar com os velhos. Não há nenhum sinal de esperança em seus olhares ou palavras.

– E eu detesto os jovens. Eles sempre me fazem confundir tédio com tesão.

– Afinal, coroa, quem é você?

– Miguel López Saña. Mas pode me chamar somente de Saña.

– Peruano?

– Não, paraguaio. Estou no Brasil há muito tempo, cara. Já puxei cana até em Los Angeles.

– Tráfico?

– Armas e drogas. Fui preso junto com meu parceiro, um índio chamado Yunez. O cara se matou na cadeia e eu fui deportado. Mas isso é passado.

– Olha aqui, Saña, não sei por que estou bebendo contigo e nem sei como vim parar aqui. As últimas horas têm corrido de forma estranha.

– O que aconteceu?

– Minha mãe morreu. Mas não é por isso, sabe. Algo vem acontecendo e me foge do controle. Irmão, ex-mulher e a

maldita paixão por uma mulher invisível. E agora você, essa imunda churrascaria de beira de estrada e toda essa conversa que eu não sei aonde irá nos levar.

– É por isso que eu detesto os jovens. Essa dúvida: para onde iremos? Iremos à lugar algum, meu caro. Qual é o seu nome?

– Leto.

– Belo nome. Veja bem, Leto. Sinto muito por sua mãe e por todos esses fantasmas que te apareceram a reboque. Inclusive eu. Parece que eu já passei por tudo isso, sabe.

– É claro que você já passou. Eu não sei, parece que o mundo está prestes a explodir a qualquer momento, mas a minha vontade é de apertar o botão.

– Não há graça alguma em ser um Deus e não poder mandar tudo pelos ares de vez em quando.

Deus. Sempre Deus. A espiritualidade sempre entrou na minha vida das formas mais sórdidas possíveis. A não ser no batismo, sempre freqüentei antros religiosos com um único intuito: mulher. Frequentava as reuniões do crisma e lá conheci Selma. Uma surda-muda que tinha as pernas

mais bonitas que eu já vi. Sem falar dos peitos durinhos dentro daquelas blusinhas de algodão. Logo arrumei um jeito de me comunicar com ela: bilhetes. Durante a catequese, escrevia um mais sacana que o outro. Ficava do outro lado da sala vendo os seus sorrisinhos esfuziantes. Eu estava no auge dos meus catorze anos. Nos encontrávamos, ao fim daqueles suplícios bíblicos, num beco escuro e estreito que ficava ao lado da capela. Que saudade da Selminha. A única mulher que nunca abriu a boca pra reclamar das minhas tolices. Logo depois vieram os centros espíritas. Lembro-me de ter frequentado mais de dez. O último foi o "Luz Celestial". Ficava longe pra cacete da minha casa, mas havia um bom motivo: Jaciara. Ela dizia pro marido que tinha que trabalhar a mediunidade. O cara descobriu tudo. Me ameaçou de morte e obrigou Jaciara a mudar de centro espírita. Dane-se. Comecei a frequentar um cabana umbandista na semana seguinte. Logo me engracei de Edigleusa, a mais bonita da gira. Como nada é perfeito, o fato de que ela tinha só o seio direito não vem ao caso. Gostava mesmo da quantidade de entidades da linha de pomba-gira que

ela incorporava durante nossas fôdas, que nunca caíam na rotina. Não tentei frequentar mais nada. Acho que já tive experiências suficientes pra provar que a transcendência não passa de uma mera habilidade de saber dar o fora no momento mais oportuno.

– Eu sempre paro de acreditar nos deuses depois da sétima dose de uísque.

– Sabe, Leto, o que acha de me dar uma carona até a minha casa?

– Porra, eu sabia: tu é um desses coroas viados e tá atrás que eu coma esse teu rabo velho e magro, né?

– Desencana, garoto. Eu só quero uma carona.

– Tudo bem, velho. Eu vou te dar essa carona. Mas nada de fazer graça, hein?

Entramos no meu velho Logus 94 e seguimos de volta a cidade. O velho abriu a janela e acendeu uma cigarrilha. Gostei daquele cara, assim como gosto de tudo o que me é desconhecido. É por isso que eu não poderia passar pela vida sem comer um travesti ou matar alguém. Quem sabe



eu até usaria a minha Smith & Wesson naquela noite? Quem sabe eu não colocaria aquele velho revólver na cabeça daquele paraguaio mefistofélico? O uísque me subira à cabeça. À medida que o carro acelerava, as ruas ganhavam turvos contornos. O velho parecia tranqüilo fumando a sua cigarrilha como se não tivesse mais nada a fazer da vida.

– Sabe, Leto, eu não pude ir ao enterro da minha mãe. Eu estava preso na Guatemala. Eu amava aquela mulher.

– Lamento, Saña.

– Acho que deveríamos ir ao enterro da sua mãe. Sabe, eu gosto de enterros.

– Já foi coveiro?

– Não. Mas eu enterrava corpos em valas-comuns de um cemitério clandestino de Barranquilla, na Colômbia.

– Todos nós deveríamos ser enterrados em valas-comuns, não acha?

– Talvez. Caixões são caros.

– Custam mais que a própria vida.

– Sabe, Leto. Você fala com muita paixão. Há muita

paixão em seu ódio pelo mundo. Crê nisso?

– Não creio em muita coisa.

– Não acha que irá se arrepender se não for despedir-se de sua mãe?

– Arrependimento é doença infantil. Prefiro acumular culpas.

– Bom, vire à direita. Moro no terceiro sobrado amarelo.

## §

A tarde caía. O céu estava vermelho como o sangue vomitado pela minha mãe na minha camisa recém-lavada. Parei o carro de frente ao sobrado do velho paraguaio. Ele teve um longo acesso de tosse e, em seguida, abriu a porta do carro. Eu já não o olhava desconfiado. Aquele velho era um cara tão sozinho quanto eu, mas parecia ainda mais maculado pelas tragédias de uma vida ingloriosa.

– Bem, Leto, te agradeço pela carona. Não tenho como te pagar em dinheiro, mas posso oferecer algumas doses de uísque. O que acha?

– Tudo bem. Não tenho nada pra fazer mesmo.

– Não desconfie de mim. Eu já não mato mais nem a minha própria fome. E nem quero que você me enrabe. Por favor, não se faça de rogado.

– Ok, velho. Vâmo lá!

Eu pensava que morava num muquifo até entrar na casa daquele velho. Eu não saberia explicar como alguém, além dos ratos, conseguia se enfiar num buraco daqueles.

Mas o velhote não era alguém digno de pena. Seu olhar era seco, mas seguro. Em nenhum momento ousava lamentar-se de má sorte. Veio da cozinha com uma garrafa de uísque Mark One e dois copos de geléia de mocotó. Eu me sentia tranquilo. A vida, enfim, parecia correr num fluxo mais lento. Sentamos num velho sofá rasgado e começamos a beber como dois amigos que há muito tempo não se viam.

– Sabe, Leto, eu já estive lado a lado com os maiores mafiosos que se têm notícia. Mexicanos, Colombianos, Italianos e até os Japoneses.

– Te invejo, Saña. Até hoje eu só consegui estar lado a lado com a minha própria sombra.

– Não me inveje. Eu tive que matar muita gente pra continuar vivo. Escapei de poucas e boas.

– Pra quê a preocupação em se manter vivo?

– Não era preocupação. Era a lei da selva. No crime, ou se mata ou se morre. Eu matei. E matei muito.

– Qual a sensação?

– De quê?

– De matar!

– Ah, eu não sentia nada, Leto. Só uma leve sensação de que o dever nunca estaria cumprido.

– E um amigo?

– Como assim?

– Você já matou um amigo?

– Antes falar a respeito, me responda: você já teve um amigo?

Não me lembro de ter tido um amigo. Aliás, tive um amigo que morava a um quarteirão da minha casa. Não estudávamos juntos, mas costumávamos passar as tardes caminhando por ruas irreconhecíveis e, dificilmente, trocávamos palavras. Devíamos ter onze ou doze anos. Eu me negava a perguntar o seu nome e ele não fazia esforço para ter qualquer atitude diferente. Era um garoto perverso. Gostava de enforcar gatos e abri-los ao meio com um canivete militar. Os colocava dentro de um saco de juta e levava até a sua casa. "É para o nero". Ele sempre repetia isso. Certa tarde o acompanhei. No muro, dentro de uma casinha de cachorro, um urubu encoleirado esperava por seu almoço. O meu amigo sem-nome tirava dois gatos de dentro do saco e servia "nero".

Que cena. O urubu rasgava as vísceras dos gatos esfomeadamente. Um urubu amestrado. Ficava assistindo aquilo com atenção. Eu nunca veria tal cena novamente. Dois ou três dias depois uma notícia abalou o bairro: "Mafioso italiano, desertor da Sacra Corona Unita, mata a mulher e o filho e, em seguida, se mata com um tiro na cabeça". Nas fotos dos cadáveres, logo reconheci o meu amigo. Fiz questão de não ler o seu nome na notícia do jornal. Não fui ao seu velório, muito menos ao seu enterro. Que permanecêssemos assim: como dois bons desconhecidos enterrados na vala-comum do esquecimento.

– Talvez.

– Como talvez?

– Não sei, Saña. Tudo parece um fardo a carregar.

– Bom, eu já matei um amigo. Um único amigo.

– E por que o fez?

– Por causa de uma mulher.

– Foi algo medíocre de sua parte.

– Eu sei. Sabe, Leto, os homens vivem se matando por aí

por causa de dinheiro e buceta. É assim e sempre será. Mas eu lhe digo: não vale a pena.

– Claro que não.

– Isso me arruinou, Leto. Virei um animal. Um coyote endiabrado vagando sem rumo, sempre com um gosto de sangue na boca.

Tomamos um bom trago do uísque. Eu não sei, mas tinha sensação de estar o tempo todo conversando de frente para um espelho. O velho acendeu outra cigarrilha, cofiou o bigode e olhou, furtivamente, para o teto:

– Sabe, apesar de tudo, eu sei que é um grande erro ficar relembrando certas coisas. Voltar ao passado pode representar a vingança dos mortos.

– Eu não queria que a conversa tivesse chegado a esse ponto.

– Tudo tem de acontecer, Leto. Tínhamos que estar aqui, frente a frente, como a vida e a morte dialogando no divã. É natural.

– Saña, não espere complacência da minha parte.

– Eu não espero nada de ninguém. Se você ainda não saiu por aquela porta é porque deve estar esperando por algo

que sempre perseguiu.

– O que você quer dizer com isso?

– Só quem faz alguma coisa sem motivações aparentes são os serial killers. E até agora você não me matou. Então...

– Então o quê?

– Então você deve estar em busca de alguma coisa. Assim como os ladrões estão lá fora à caça de alguma oportunidade.

– Eu não estou em busca de nada, porra! Eu só queria encher a cara e esquecer um pouco disso tudo. Você não entende?

– Não, Leto. Não entendo. Não se pode esquecer, cara. O esquecimento só serve a quem sabe perdoar. Nós somos sujos demais para esquecer, Leto!

– Você parece ter sempre a palavra certa. Quem é você? Jesus Cristo?

– Leto, não seja ingênuo. O mundo lá fora já me devorou. Você quer abandonar tudo o que passou como se fosse possível esquecer. Está tudo lá. Tudo em seu devido lugar. Sua velha mãe no caixão, seu irmão rejeitado, sua ex-mulher com a buceta quente e molhada à sua espera e a



porra duma paixonite por uma mulher que irá te deixar na merda outra vez!

– Você não sabe dos meus problemas, cara.

– Claro que não sei. Eu só sei do que você silencia, Leto!

As palavras daquele velho me atraíam como uma serpente atrai a sua presa. Havia a ressaca de toda uma vida embriagando-me em mesquinharias impossíveis. Agora eu flutuava sobre tudo o que eu ignorara, assim como os cadáveres boiando no rio Ganges.

## §

- E o enterro?
- O que tem?
- A que horas seria?
- Às cinco. Pelo jeito, já deve ter acontecido.
- Sua mãe passou muito tempo para ser enterrada, não?
- Não é da sua conta nem da minha.
- Sim, claro. Mas e o cheiro do defunto?
- O gerente da funerária me assegurou que dariam um jeito. Eles têm os melhores cravos da cidade.
- Por que não vamos ao cemitério?
- Por que insiste em ir ao cemitério?
- Não sei, só acho que deveríamos ir até lá e deixar algumas flores no túmulo.
- Tudo bem, Saña. Vâmo lá. Coloca o teu casaco que tá fazendo frio.

Eu esquecera o meu telefone no porta-luvas junto da minha velha Smith & Wesson. Sérgio já devia ligado cem ou duzentas vezes e, certamente, já deveria estar chorando com a cara enfiada entre os peitos de sua

mulher. Abro o porta-luvas. Saña logo avista aquele revólver .32 e os seus olhos brilharam. O brilho dos viciados. Eu sabia que aqueles dedos nunca esqueceram como se aperta um gatilho. De forma calma, ele pega o seu pente de bolso e, vagarosamente, penteia o cabelo. A minha arma ainda estava sobre a tampa do porta-luvas. Olho em sua direção. Ele parecia ignorar toda aquela cena. Puxo o meu telefone e me deparo com uma enxurrada de ligações. Sérgio, Miriam, Zenaide, Ísis e mais uma coleção de números desconhecidos. Danem-se. Pus o telefone de volta no porta-luvas e o fechei. Saña me olha copiosamente.

– Não vai retornar as ligações?

– Eu não.

– E se for importante?

– O que é tão importante?

– Não sei. Talvez as frases que enfeitam os jazigos.

– Vem cá, velho: eu não sei por que tô andando pra cima e pra baixo contigo. Afinal, quem é você? Uma entidade?

– Não, claro que não. Sou muito vivo, Leto. Mas eu quero

você saiba de uma coisa: eu também não sei por que tô andando pra cima e pra baixo contigo.

– Porque somos dois bastardos de merda?

– Ou porque agora só temos um ao outro.

– Talvez.

– Você acredita nisso?

– Em quê?

– No talvez. Esse passo em falso em cada linha tênue.

– Eu acredito em vulcões. E em bombas de hidrogênio.

– Você deveria experimentar gozar no fundo do poço, Leto. É revigorante.

– Você tem filhos?

– Alguns.

– Prefere a distância?

– Sempre. Toda distância é salutar.

– Miriam quer ter um filho meu.

– Se você se tornar pai, não irá precisar mais cometer crime algum na vida.

– Há algo mais cruel que gozar dentro de uma buceta?

– Sim, há: não comprar uma pílula do dia seguinte para

sua mulher.

– Você é engraçado, cara.

– Cães vadios como nós desconhecem vínculos, Leto. Devemos viver e morrer sozinhos. Ignoramos a compaixão do mundo.

– Gostaria que você tivesse me dito essas palavras há três décadas.

– Você não entenderia. É um erro confiar tanto em si mesmo.

Ainda estávamos longe do cemitério e o trânsito não dava trégua. O relógio marcava 19h28. Eu perdi o enterro da minha mãe assim como também perdi a minha alma sugada em algum bueiro desta maldita cidade. O velho mete a mão no painel e liga o rádio. Talvez o velho achasse que estava no controle. E eu queria mais é que ele se sentisse assim. Sei utilizar o meu cinismo tão bem quanto o meu aparador de pêlos do nariz. Gosto de me fazer de desentendido. É uma das minhas poucas satisfações. Finjo-me de morto para enrabar o coveiro e vibro em silêncio com os olhares, irritantemente, piedosos

daqueles que nunca deixarão de duvidar de si próprios. Maldito trânsito! É por isso que eu gosto de andar a pé. O lado bom de andar a pé não são as benesses salutareis ou a liberação de endorfina, mas a possibilidade de já conhecer e até cumprimentar alguns ladrões que percorrem a cidade de forma vaga e perdida, assim como eu. Mas, ao contrário de mim, eles estão sempre atentos a algo lhes soe como novidade. Uma isca perfeita, uma agulha no palheiro. Eu sou como as pedras que enfeitam o calçamento. Não represento uma oportunidade, mas um repetitivo engodo diário.

- Por que você não troca de carro?
- Por que você não troca de tinta pro cabelo?
- Gosta de carros antigos?
- Não, eu detesto carros. Essa merda aqui foi a única coisa que o meu pai me deixou.
- Pelo menos ele te deixou alguma coisa, não?
- Eu preferia uma casa de campo e alguns sacos de dinheiro escondidos debaixo do colchão.
- E essa Smith & Wesson?

- Que é que tem?
- Também era do seu pai?
- Não, era do meu avô.
- Uma bela arma.
- Sabe, Saña, sou de uma geração de homens que nunca dispararam um tiro sequer neste revólver.
- Vamos lá, Leto, me diga: em quem você gostaria de atirar, sem ser em si próprio?
- Talvez eu te matasse, se você me implorasse de joelhos.
- Eu nunca faria isso. Só se fica de joelhos para rezar ou pagar um boquete.
- Quero puxar o gatilho deste revólver. É, farei isso esta noite.
- Eu deixaria você me matar, se você me obrigasse a morrer.
- Seria uma tremenda tolice.
- Não, não seria. Pior é ser obrigado a permanecer vivo. Não acha?
- Não sei. Vivem fazendo isso nos hospitais. O cara está lá morrendo e, de repente, vem algum filho da puta de branco com um desfibrilador e corta o seu barato.

- É pra isso que os médicos ganham dinheiro.
- Sim, pra retardar o gozo alheio.
- Por que você nunca se matou?
- Não sei. Sou preguiçoso demais para fazer qualquer tipo de coisa por conta própria. Prefiro que me matem.
- E jogar a culpa pro outro?
- Antes o outro do que eu. Mania essa de querer entender o problema do outro ou tentar resolvê-lo. Não faço isso nem comigo mesmo. Que as paranóias particulares se mantenham intactas e sejam reaproveitadas no futuro tortuoso que imaginamos enquanto a bebida não faz efeito.
- Você fala como um monge desertor.
- Não sei. Acho que eu falo como alguém que sabe que vai morrer.

Subitamente, o velho paraguaio abre o porta-luvas e pega o revólver. De novo o olhar brilhoso dos viciados. De repente, senti que seria o fim da linha para um dos dois. O trânsito desafoga. Acelero o carro e sigo cego pelas mesmas avenidas de sempre. Luzes mortas da cidade. Tudo cheirava a óleo e a podridão do rio que separava



partes desiguais de uma cidade que se desintegrava pouco a pouco. Saña engatilha o revólver. Três gerações. Nenhum homem com culhão suficiente para realizar aquele ato. Um simples engatilhar. Merecíamos morrer com um belo tiro no meio da testa. Meu avô e meu pai morreram enquanto dormiam. Só os imbecis querem morrer dormindo. Sem dor, consolados pelo sono velado eternamente. Não, eu não queria morrer assim. A morte, este anjo da guarda negligenciado, não me deixaria morrer sem olhar em seus olhos. Sem dar um beijo seco em seus lábios cerrados.

– Atira!

– Não, Leto. Eu não vou atirar.

– Então por que engatilhou?

– Eu não sei. Me deu vontade.

– Você se tornou um velho covarde, não?

– Isso é uma provocação?

– Idiotice responder uma pergunta com outra pergunta. Se você engatilhou o revólver é porque quer atirar. Vai, atira!

Saña pôs o braço pra fora da janela e deu um seco tiro

para o alto. Retornou o braço para dentro do carro rapidamente. Respiração ofegante de ambos. Parei o carro no semáforo. Olhei para o velho, que parecia esfuziante.

– Por que não atirou em mim, seu filho da puta?

– Não. Você não merece morrer pelas minhas mãos.

– Você é um puto de um velho covarde!

– Talvez eu seja. Sabe, talvez você só esteja ansioso demais pela morte. Por que não faz como todas as pessoas deste mundo e, simplesmente, espera?

– A esperança é um prato de sopa rala para fastiosos crônicos.

– Você não precisa de mim, Leto. Parece que você roda por aí buscando a súbita panacéia para um mentecapto quarentão. Tudo já passou da hora. Não vê?

## §

Claro que eu via. Mas o que é a vida senão um eterno resvalar em obviedades inevitáveis? Mesmo assim, sempre me pego pensando que as coisas mais palpáveis nunca estiveram realmente ao meu alcance. Fazia um frio estranho naquela noite. Havia um velho débil e desconhecido fumando cigarrilhas intermináveis dentro do meu carro e a possibilidade de um avião cair sobre as nossas cabeças não era nada duvidosa. Talvez Miriam estivesse certa. Eu era mesmo um câncer no cu do mundo. Mas já era tarde até para os insultos mais bem elaborados. O câncer entrara em metástase e já não havia muito que ser feito. Eu tentei apelar diversas vezes para a má-consciência, mas tudo sempre voltava ao estado de total desprezo por tudo o que me rodeava. As pessoas costumam confundir paz com dinheiro e amor com ereção. A culpa não é minha. Confundir-se pode fazer com que a vida pareça algo realmente confortável. Eu sempre peguei a contramão. Palavras ao pé da letra, cristo revirando os olhos na parede da sala, gregos de dez

centímetros besuntados em saliva e a herpes supurando no canto da boca da puta que aceitou o meu relógio technos como pagamento. Sinal fechado. Olho para o céu e o tempo parece tão fechado como todas as portas em que eu insistia em bater. Danem-se as portas fechadas. Ainda restam as marquises. Reparo em três ou quatro urubus circundando o céu. Engraçado como eles abrem suas asas e planam em movimentos descompassados. Não acho que seja por preguiça, mas por não ter pressa. Afinal, não há pressa em espreitar pedaços de carne banhados em perfumes falsificados e pagadores de plano funerário. Os urubus sabem que já estamos mortos, é claro. Eles só não entendem como insistimos em reagir contra essa sentença. Até os vermes se divertem às nossas custas. Tudo é entediante. Hemingway assistia touradas. Bukowski, lutas de boxe e corridas de cavalo. Eu prefiro sentar no meio-fio, de uma avenida qualquer, e ficar assistindo os carros se chocarem em horário de pico. Não há nada mais idiota do que ficar preso dentro de um automóvel enquanto o mundo lá fora corre feito um louco fugitivo. Tudo parece muito inadequado. Fora comer e

cagar, todas as necessidades parecem inúteis. Eu deveria pôr alguns explosivos no porta-malas e explodir aquele maldito carro no meio do congestionamento. O mundo não precisa de Dalai-Lama. O mundo precisa de explosivos cada vez mais potentes. Que não deixem rastros de mocassins ou coturnos. Bom, enquanto não chega o meu fim, vou sobrevivendo dos meus equívocos.

– Ainda tá muito longe desse cemitério?

– Eu não sei. O senhor que já passou dos setenta parece estar bem mais perto.

– Não brinca, cara. Tô me referindo à distância.

– Danem-se as distâncias, velho. Afinal, o que é que nós queremos mesmo?

– Não sei. O serial killer vê a morte como um número. O suicida a vê como um alibi. O restante das pessoas insiste em arrastar a vida em troca de um final que não lhes desagrade.

– Você poderia virar pastor neopentecostal. O que acha?

– Tenho boa oratória, mas a minha vocação para ganhar dinheiro fácil é nula.

- Você acredita em perdão?
- Sim, desde que ele venha depois da vingança.
- E na vingança, você acredita?
- Claro. O que seria da vingança sem ter quem a execute? Creio que seria algo próximo da gratidão: uma repetição trôpega e, meramente, sintática.
- Eu penso que tudo isso não passa de ressabiamento cristão. Não acredito em motivações. Acredito no ato. Quando você puxou o gatilho e atirou para cima, por exemplo, teve motivo para isso?
- Não. Eu apenas quis dar tiro para cima.
- É disso que eu falo. Não percebe? Mesmo que você tivesse atirado no meu ouvido seria apenas uma bala estourando a minha cabeça. As pessoas se prendem em motivações estúpidas para qualquer coisa estúpida que façam. Se vão cagar, é porque sentem vontade de cagar. Sabe, às vezes eu sento lá no vaso e fico apenas esperando a merda sair.
- Sabe, Leto, nós deveríamos estar internados em algum maldito manicômio desta maldita cidade. Todos eles falharam em seus objetivos de manter tudo sob controle.

Nós estamos aqui, livres e pirados até que o tiro saia novamente pela culatra.

– Eu sempre precisei de um inimigo como você, Saña. Mas eu cometi o pior dos erros que um homem pode cometer: fui desleal com meus inimigos.

– Nunca devemos ser desleais com nossos inimigos. Eles podem nos abandonar.

Parecia tarde demais para arrependimentos triviais. Eu só me arrependia mesmo é de não ter fodido a buceta de Ísis naquele maldito atelier afrescalhado. Tudo seria diferente. Ficaria esparramado em sua cama cheirando a amaciante de lírios do campo, escutando ela me falar de sua cirurgia para redução dos seus grandes lábios vaginais. Mas não. Agora eu estava ali com um santo louco que, a qualquer momento, poderia virar gás e desaparecer no mormaço da noite. Passei a ver com bons olhos a presença de Saña. É bom escutar o seu próprio fracasso reverberar nas cicatrizes alheias. Só implora para não sofrer aquele que já se impregnou de tédio e, se choramos, é por não haver melhor forma de entretenimento. Sabíamos que estávamos mais perto do

fim do que qualquer outra coisa que se mova neste mundo fodido. E muitos temem o fim como se este já não se confundisse com o falso entusiasmo do recomeço. A vida é um eterno convite para o crime e já estamos cansados de repetir as mesmas palavras de sempre todos os dias. É por isso que eu prefiro o silêncio das quatro paredes encardidas que me cercam e me prendem e fazem tudo parecer tão estúpido quanto sempre foi.

– Chegamos.

– Já? Nossa, cara. Acabei cochilando!

– Acho tudo isso estúpido demais. Se fôssemos o mínimo sensatos, estaríamos enchendo a cara por aí ou explodindo caixas-eletrônicos.

– Não, não. Leto, eu te trouxe até aqui. A responsabilidade é minha. Vamos lá. Compre algumas flores e jogue-as no túmulo da sua mãe. Eu não pude fazer isso, mas você fará.

– Que diferença isso faz?

– Nenhuma. Tudo não passa de simbolismos acidentais.

– Então joga você! Eu não preciso passar por esse papel.

– Leto, o seu telefone tá tocando.



- Que toque!
  - Deve ser o seu irmão, não?
  - Não é da sua conta.
  - Bom, ele deve ter algo a dizer, não acha?
  - O problema é esse, Saña: todos acham que têm algo a dizer. Mas tudo já foi dito. Tudo já foi feito e perdido. A minha mãe está morta, porra! Morta! Não há mais nada a ser feito além de marcar a missa de sétimo dia!
  - Os mortos podem nos atormentar mais do que os vivos.
  - Você é um exemplo disso?
  - Não. Eu não morri, Leto. Sinta o cheiro de lavanda em minhas mãos!
  - Você não passa de um velho louco. Eu devia te despachar, sabe? É, eu deveria chutar esse teu rabo velho do meu carro e te mandar pra puta que o pariu!
  - E por que não o faz?
  - Porque eu também não passo de um velho cachorro sarnento que já cansou de ser chutado. É isso!
  - Vamos lá. Saia do carro. Isso vai acabar logo.
- Saímos do carro. Comprei algumas flores na porta do cemitério São Arnaldo e entramos. O telefone vibrava no

bolso da minha jaqueta. Olhei rapidamente. Era Sérgio.

Resolvi atender:

– O que é, Sérgio?

– Onde você tá?

– No cemitério. Vim jogar algumas flores no túmulo da mamãe.

– Bom, estou aqui do outro lado da rua. Vi quando você saiu do carro junto dum velho. Que foi? Foi pro puteiro e saiu pra beber com o cafetão?

– Não fode, Sérgio. Conheci o velho numa churrascaria na saída da cidade.

– Leto, precisamos conversar. O assunto é sério.

– Se é sério, eu dispenso.

– Leto, eu não tô brincando.

– Tudo bem, Sérgio. Faz o favor de entrar no cemitério.

## §

Sérgio subiu a rampa de entrada do cemitério com a mesma cara de talibã arrependido de sempre. A diferença é que ele parecia mais abalado. Como se sentisse pena de si mesmo. Acendi um cigarro e me debrucei sobre um luxuoso jazigo de mármore. No centro, a foto de uma bela mulher: Leonor Pontes Dutra. Uma dama da alta sociedade. Talvez socialite, médica, professora adjunta da universidade federal, empresária bem sucedida ou puta de luxo. Sérgio se aproxima. Apago o cigarro e me sento na beira do túmulo.

– Que cara é essa, Sérgio? Quem morreu?

– Não banca o engraçadinho, Leto. Você bem sabe o que fez, por isso fez questão de passar o dia fora. Fugiu de todo mundo. E agora aparece aí com esse comparsa. Eu devia saber que não se pode tratar com um cara como você, Leto. Malandro é malandro!

– Peraí, Sérgio. Que porra é essa? Do que você tá falando?

– Não se faça de desentendido, porra! Tu sabe o que fez e agora ta aí com essa cara de puta velha!

- Olha aqui, Sérgio, vai tomar no meio do cu!
- Vai você, seu merda! Eu devia te dar um tiro bem no meio dessa sua cara, seu filho da puta!

Saña resolve se intrometer:

- Com licença, Sérgio...
  - Vai se foder você também, seu velho!
  - Calma, Sérgio. Você pode nos dizer o que está acontecendo?
  - Esse filho da puta do Leto passou um cheque sem fundo, SEM FUNDO, pra pagar à funerária!
- Dou um pulo e levanto o meu rabo de cima do túmulo:
- Cheque sem fundo?
  - Até parece que você tá surpreso, Leto!
  - Peraí, Sérgio, não vem aqui querer bancar a madre superiora. Eu não sei que porra foi que aconteceu na minha conta!
  - Aconteceu o de sempre, seu trambiqueiro! Você não tem dinheiro na conta e fica metendo cheque sem fundo até em puteiro!

Saña, surpreendentemente, saca o meu Smith & Wesson do bolso interno de sua jaqueta e o aponta na direção de Sérgio:

– Que porra é essa, Saña?

– Esse cara tá me tirando a paciência!

– Saña, segura a onda aí. A gente tá tentando resolver a situação.

– Resolver? Você trás um velho pistoleiro pra me matar em pleno cemitério e ainda diz que tá tentando resolver a situação?

– Eu não trouxe pistoleiro pra te matar, Sérgio. Se eu quisesse fazer isso, faria com as minhas próprias mãos.

–Tu não presta, Leto. Tu é igual a mamãe: um pilantra! Por isso que vocês se odiavam tanto: são iguais! Mas o que você fez não se faz nem com um cachorro de rua, porra!

– Olha aqui, Sérgio, eu não sabia que a minha conta tava no vermelho!

– Tu é um irresponsável fodido!

Novamente, Saña aponta a arma na direção de Sérgio:

- Abaixa essa merda, seu velho!
- Só abaixe quando você esclarecer o que houve.
- O que houve? O seu amigo aí pagou o funeral da própria mãe com um cheque sem fundo!
- Disso eu já sei, seu idiota. Eu quero saber o que aconteceu de tão grave!
- Mais grave do que isso?
- Fala, porra!
- A mamãe não foi enterrada. O gerente da funerária ligou mais de mil vezes para o Leto tentando esclarecer o ocorrido e não conseguiu retorno algum. Agora o caso tá com a polícia. Os caras já foram até o apartamento desse idiota!
- E a defunta, onde está?
- Mais respeito, seu boliviano de merda!
- Boliviano o caralho! Paraguaio!
- Piorou! O corpo da mamãe voltou para a capela. Os agentes funerários tiraram o corpo da velha do caixão e deixaram lá, exposto sobre a pedra. O cheiro tá insuportável!
- Puta merda! É mais grave do que eu pensava!

Acendo outro cigarro e dou alguns passos em direção a Saña. Um bandido nunca deixa de ser bandido. O velho, certamente, teria alguma saída.

– Saña, vou precisar da tua ajuda.

– Tá vendo aí! Já vai começar confabular com o comparsa!

– Não fode, Sérgio! Agora não é hora de ficar enchendo o saco! Tâmo junto nessa, porra! Vâmo arrumar um jeito de resolver a situação.

– Você vai resolver a situação. E eu já sei como: artigo 171, meu irmão! Você tá fodido!

– Você é um bosta, Sérgio! Deixou tudo nas minhas costas, como se eu cagasse dinheiro!

– Eu te disse que não tinha dinheiro, Leto. Você poderia ter pedido pra Zenaide. Afinal, ela não é tua mulher mesmo?

– Cala essa boca, Sérgio!

– Qual é, Leto? A coroa até dia desses te dava uma puta duma mesada. Ou eu tô mentindo?

– Você não tem nada a ver com isso!

– Leto, pede a grana pra Zenaide e resolve essa situação

com os caras da funerária. Pode ser até que o cara não te autue!

– Claro que eles vão me autuar, porra! Fodido eu já estou. De qualquer modo, eu me recuso a pedir dinheiro pra Zenaide.

– Por que, cara?

– É assunto meu, Sérgio. Vê se não me amola!

– Leto, o que tu vai fazer?

Saía coça a cabeça com o cano do revólver, senta na beira de um túmulo e resolve raciocinar:

– É o seguinte: vâmo pra capela.

– Como assim, velho?

– Pegamos o corpo, colocamos na mala do carro e o enterramos num terreno que tem nas imediações da estrada do “Caiau”.

– O quê? Ocultação de cadáver?

– Cala a boca, Sérgio! Deixa o velho falar!

– Não dá pra pensar muito. Temos que agir. A polícia virá de qualquer jeito.

– Deixa o corpo da mamãe lá. A Zenaide, com certeza, vai fazer alguma coisa!



– A Zenaide queria mais é ver a mamãe fodida, Sérgio. E vice-versa!

– Não vâmo perder tempo, porra! Bora pra capela!

## §

Entramos no carro. Não havia muito tempo para pensar em estratégias mais sofisticadas. Eu acabaria em cana, mas tinha que retardar ao máximo a possibilidade de ser pego àquela noite. Eu não conseguia tirar Ísis da minha cabeça e ainda considerava a possibilidade de ir até a sua casa e colocar as cartas sobre a mesa. Mesmo que tudo fosse por água abaixo, eu tinha a obrigação de falar o que eu sentia para aquela mulher. Não que eu ache importante dizer tudo o que se sente para alguém, na verdade eu invejo os mortos, pois eles já não têm nada a dizer. No banco de trás, Sérgio tentava nos convencer de que aquilo tudo configuraria um crime inafiançável. Que devíamos dar meia-volta e dar um jeito de conseguir a grana. Eu queria mais era dar um tiro no olho daquele imbecil. Quando criança, eu tive várias oportunidades de matar Sérgio. Mas, no final das contas, ele sempre esteve morto para mim. Saña replicava as indagações de Sérgio. Dizia que se tudo deveria ser feito com cautela e, conforme ele propusera as coisas só dariam errado se

alguém desse pra trás. Eu não acreditava muito que aquilo pudesse dar certo. Na verdade, todos se complicariam, mas eu não queria mais saber de nada. Que eu fosse carregado, de vez, para as profundezas do inferno que eu mesmo criei. Os dois resolveram ficar em silêncio. O carro se aproximava da capela e eu só conseguia pensar na cor da calcinha de Ísis.

– É o seguinte: vou deixar vocês dois na capela vigiando o corpo.

– Como assim?

– Eu tenho uma coisa pra resolver. Garanto que volto antes das dez!

– Tá vendo aí? Vai fugir! Com certeza vai fugir!

– Não fode, Sérgio! Eu vou tentar arrumar a grana, porra!

– Com quem? Posso saber?

– Com a Ísis.

– Ísis?

– É, a Ísis. Sabe, acho que ela pode descolar essa grana.

– Tudo bem, Leto. Eu vou confiar em você.

– Leto, e o meu plano?

- Acorda, Saña! Eu não posso pegar o corpo da minha mãe e, simplesmente, enterrá-lo por aí.
- Bom, você vai mesmo conseguir essa grana?
- Eu vou tentar, porra! Só peço que vocês dois fiquem aí. Se a polícia aparecer, diz que eu tô tentando resolver tudo.
- Tudo bem. Mas vê se não some, hein?
- Não vou sumir. Palavra!
- Você falando em ter palavra? Leto, eu te conheço há muito tempo!
- Sérgio, não complica mais as coisas. Ok?
- Ok, Leto. Dez horas aqui, hein? Pela última vez, vou confiar em você!

Deixei Sérgio e Saña na capela e me mandei pra casa de Ísis. Não passou pela minha cabeça lhe pedir dinheiro. Eu disse aquilo para tentar arrumar uma desculpa menos esfarrapada. Acelerei o carro na avenida e fui ao encontro daquela grande mentira de rosto escandinavo, peitos médios e um belo quadril. Acho que foi a única coisa que Zenaide fez de bom em toda a sua vida. Garanto que Ísis

não era filha do general. Não, nem fodendo. Acho que ela era filha do Niels, um dinamarquês que freqüentava a casa do general Guto Guerra. Tudo não passava de uma cretina troca de favores entre os dois, da qual eu nunca soube do que, realmente, se tratava. O que eu sabia é que o dinamarquês também comia a Zenaide e, diferente de mim, fazia isso sem nenhuma obrigatoriedade. Ísis morava num flat bem perto da praia. Da varanda se via o belo mar, testemunha ocular de toda a miséria humana. Toquei o interfone. Ísis permitiu que eu subisse. Sua voz estava rouca e trôpega, típica das mulheres que se afogam nos mares de conhaque. Toquei a campainha. Outra mulher abriu a porta. Uma ruiva. Uma bela ruiva com sardas no rosto e um belo par de olhos azuis. Nos encaramos por alguns segundos.

– Você é o Leto?

– Sim. E a Ísis?

– Foi ao banheiro. Entra!

Que mulher! Várias coisas passaram pela minha cabeça.

Dentre elas, um ménage. Comecei a ficar animado. Digo, o meu pau começou a ficar animado. A ruiva se aproximou:

– Quer beber algo?

– Um uísque.

– Com gelo?

– Sem.

– Ah, também gosto de beber sem gelo. Você é dos meus!

– E o seu nome?

– Samanta.

Dou um leve trago no meu uísque ao mesmo tempo em que Ísis aparece na sala. Ela usava um vestido transparente que deixava a mostra seus mamilos rosados. Talvez fosse mesmo rolar o ménage. Eu só tinha dúvidas por onde começar. Toda dúvida surge do excesso. Seria uma noite inesquecível. Sérgio e Saña que se danassem! Eu sempre fui um filho da puta egoísta e, naquele momento, não seria diferente. As duas se sentam no sofá. Ísis parecia, levemente, embriagada. Seus olhos estavam

meio baixos como os olhos de Zenaide. Pela primeira vez na vida, eu não sabia como reagir a toda àquela farta exuberância feminina. Se aquelas duas mulheres me matassem, eu ainda sairia no lucro. E se fosse pra ser morto, que fosse por aquele belo par de bucetas. Tomei mais um trago do uísque. Samanta pega o meu copo e me oferece uma nova dose. Não sou de recusar.

– Duvidava que você viesse.

– Eu também duvidava, Ísis.

– Gostou do meu lugar?

– Aconchegante. Dá vontade de ficar aqui pra sempre.

– Leto, não imagine certas coisas.

– Como o quê?

– Eu sei o que se passa na cabeça dos homens num momento como esse.

– Comer vocês duas? Não me peça para não imaginar isso, Ísis!

– Tá vendo?

– Tudo bem. Não vou imaginar um ménage. Detesto esse nome. Prefiro suruba.

- Leto, a...
- Se importa que eu fique só de cueca? Tá um calor medonho aqui e...
- A Samanta é minha mulher.
- Como assim?
- Somos casadas, Leto.
- E nós?
- Leto, eu conheci a Samanta ainda na Itália. Aquelas suas ligações...aquilo tudo me deixou confusa. Eu nutria certa paixão por você, mas a Samanta apareceu e...
- E a nossa conversa de hoje lá no atelier?
- Leto, eu tava tentando arrumar um jeito de te falar e...
- E me ver pelas costas?
- Não, Leto!
- Ísis, eu pensei que você queria que eu tivesse algo a dizer. Ou que se eu não tivesse, que inventasse! Lembra?
- Mas não dava pra te enganar assim como você engana a todos! Eu não sou assim! Eu conheci a Samanta num ótimo momento da minha vida e não podia ficar esperando você decidir entre fugir e se esconder!
- Isso tudo é mais embaraçoso pra você do que pra mim.



Não percebe?

– Pode ser, Leto. Mas não haveria outra forma de você acreditar. Teria?

– Claro que não! Foram as suas palavras que me traíram hoje cedo. Não você!

– Leto...

– Que você se farte com a sua bucinha ruiva, Ísis. Eu tenho um problema, realmente, sério pra resolver esta noite e não posso mais continuar queimando o meu tempo com esse jogo safado de insinuações!

– Leto, você é um homem perdido. Sempre foi!

– Ao menos eu sei aonde isso tudo irá terminar, Ísis.

– Se soubesse, não teria me procurado. Não percebe o lamaçal de contradições em que está atolado?

## §

Uma funesta maresia invadiu o ar. Todas as intenções estavam, finalmente, mortas. Lá fora, não havia lua ou estrelas. Só um céu negro, escuro como o futuro que, cada vez mais, se desvelava. Mate todas as paixões de um homem e o que restará? Um zumbi dissimulado. Eu estava bêbado demais para fazer qualquer tipo de previsão sobre o que me aconteceria dali pra frente, mas eu sabia que não haveria como mudar o curso de toda uma vida tão medíocre. Tudo bem, pode ser que eu tenha perdido Ísis pela minha crônica inaptidão em deixar o jogo correr. Essa mania idiota de querer mudar as peças do tabuleiro, de blefar a qualquer custo, de trapacear a qualquer hora. Tudo isso me trouxe ao buraco em que agora estou enfiado. Eu deveria ter feito alguma coisa. Eu sei que deveria. Nem que fosse enfiar o dedo na goela e vomitar no aquário da sala de Ísis, só pra ela se lembrar de mim a cada vez que visse a minha bÍlis boiando entre os peixes coloridos. Saña estava certo. Por mais que eu quisesse que tudo recaísse no mais profundo

esquecimento, não devemos esquecer. Ao menos, não devemos nos esforçar nesse sentido. É bem verdade que o esquecimento só serve aos que sabem perdoar. E eu não sei. O perdão mata todos os nossos impulsos. Eu deveria ver a vida com os olhos de um animal ameaçado de extinção. Sozinho, escondido, lambendo as próprias feridas sem nenhum sinal de que as coisas pudessem melhorar. Que o mundo girasse. Pra mim, não importava. Entro no carro e, novamente, acelero feito louco na avenida em direção a capela. Que aquilo isso acabasse como tinha que acabar. Não restaria nada mesmo. O mundo lá fora continuaria a produzir novas formas de se comunicar com Deus. Quem sabe um Call Center? A cidade estava como nunca: cheiro de merda, morte e calote misturados num grande caldeirão de carmas apodrecidos. Do que seria capaz o homem sem olfato? Como sentiríamos o fétido cheiro de nossa alma? Estacionei o carro do outro lado da rua. Já eram quase dez da noite. A rua estava vazia. Silêncio total. Dentro da capela, só Sérgio, Saña e o cadáver da minha mãe. Não tínhamos salvação.

- E aí, Leto? Resolveu?
- Resolvi. Vâmo pegar o corpo da velha e colocar no carro.
- Tá doido, Leto? A qualquer momento os caras da funerária ou até mesmo os policiais podem entrar aqui!
- É por isso mesmo que temos que ser rápidos.
- Leto, e a grana?
- Que grana?
- Você não descolou a grana com a Ísis?
- Não, Sérgio. Não descolei nem a cabeça do dedão!
- Porra, Leto! Vai tomar no meio do cu!
- É o seguinte: Saña, pega pelas pernas que eu pego pelos braços. Você, Sérgio, corre pra direção. Eu tô bêbado demais pra dirigir!
- Puta merda! A gente vai se foder!
- Vâmo logo com isso, porra!

O cheiro estava insuportável. Eu e Saña pegamos o corpo da velha e o levamos até o carro. Nenhum sinal de funcionário da funerária ou de policiais por perto.

Colocamos o corpo na mala, entramos no carro e Sérgio pisou fundo no acelerador.

– E aí? Para onde vamos?

– Pra estrada do...

– Não, Saña. Eu não seguirei o teu plano. Toca pra minha casa, Sérgio!

– Peraí, a gente vai subir aquelas escadas com o cadáver? Porra, cê tá louco, Leto?

– Sérgio, faz o que eu tô mandando, porra!

– É o seguinte, Leto: é a minha última parada. Vou deixar você e o teu comparsa lá no teu prédio e vou me mandar. Chega de tanta cagada!

– Muito ajuda quem não atrapalha, Sérgio. Não é nenhuma novidade pra mim que você sempre foi um bunda mole!

– Menos, porra! Isso não é hora de briguinha de irmão! O assunto é sério!

– Claro que é! Mas esse puto do Leto prefere esconder a porra do corpo em casa do que se entregar pra polícia, esclarecer tudo e resolver o caso de uma vez por todas!

– Eu não vou me entregar pra polícia. Não hoje!

– Então pra que tinha que retirar o corpo lá da capela?  
Não faz sentido!

– Nada mais faz sentido, não percebe? Raptamos um cadáver, colocamos na mala do carro e estamos levando ele até a minha sala de estar. Eu preferia um terremoto, Sérgio. Mas não sei se é possível.

– Olha aqui, Leto, ainda dá tempo de desistirmos dessa merda toda. Se entrega pra polícia. Eles estão te procurando. Esclarece o que houve, explica esse problema na tua conta, faz qualquer coisa, menos isso, pô. É muita imundice, cara!

– Sérgio, cala essa boca e só dirige. Eu não vou voltar atrás porra nenhuma!

Saña parece pensativo. Acende uma de suas infinitas cigarrilhas, dá um bom trago, cofia o bigode e sorri. Um sorriso parcial, dentes podres, rosto flácido. Novamente, a minha Smith & Wesson sai do bolso interno de sua jaqueta. Ouço o estalo do gatilho. Sérgio olha pelo retrovisor.

– Que porra é essa, velho? Larga essa arma!

– Sabe, vocês não precisam mais de mim.

- Que conversa é essa, Saña?
- Leto, não há mais nada a ser feito. Somos animais dominados.
- Que papo é esse, Saña?
- Não adianta procurar nas entrelinhas. Não há nada lá!

De repente, o velho aponta o revólver para a própria têmpora e atira. Um tiro seco, abafado pelos vidros fechados. Havia sangue por todos os lados. Pela minha jaqueta e até nas lentes dos óculos de Sérgio. Não havia escapatória. Havíamos chegado ao fim da linha. Agora, haviam dois cadáveres no carro e eu não tinha a menor idéia de como fugir daquela situação. Eu, logo eu. Perdido como se deve estar numa teia de tragédias que só serviam para emoldurar a paisagem do meu próprio caos. Sérgio freia o carro, tira os óculos e limpa o rosto com a camisa. Eu deveria esboçar algum tipo de reação. Eu poderia ter pegado o revólver e terminado o serviço. Mataria Sérgio e em seguida repetiria o gesto de Saña. Teria sido mais fácil. Tudo acabaria bem. Mas não, naquele momento eu seria capaz de colocar o braço para fora da janela do

carro, acender um cigarro e pensar no que eu iria comer no almoço do outro dia. Mas dar um tiro na minha própria cabeça já representava uma missão abortada àquela altura do campeonato. Eu queria sentir o peso da desgraça que é estar vivo. Sofrer como se deve sofrer: até o último dia.

– Leto...

– O que é?

– O que faremos?

– Faremos sexo com o cadáver. O que acha?

– Leto, eu não quero continuar participando disso tudo.

– Vai me abandonar?

Não precisei de resposta. Sérgio abre a porta do carro e se manda com a sua camisa salmão salpicada de sangue e miolos paraguaios. Olho para o banco de trás. Engraçado, Saña morreu com o mesmo sorrisinho clínico da minha mãe. Àquela hora, já deviam estar rindo da minha cara enquanto tomavam alguns drinques com o diabo. Pego a direção. Nada mais restava. Fui abandonado por todos.



Um completo estúpido guiando um carro com dois cadáveres rumo a mais uma noite sem grandes perspectivas. Talvez, eu devesse dirigir até a praia e jogar o carro de cima de uma grande falésia. Seria genial. Mas não. Eu não tinha tanto talento para pôr em prática tudo o que a minha imaginação psicótica oferecia. Decidi que era hora de voltar para o lugar de onde eu nunca deveria ter saído: apartamento 302, Edifício Monte Cassino. Aquelas paredes encardidas, aquela pia sempre vazando, o ralo fedorento do banheiro, o sofá-cama quebrado, as garrafas de bebida em cima do balcão carcomido, a velha televisão de tubo e algumas lembranças que teimavam em se esconder dentro do armário. Estacionei o carro na minha vaga de garagem, subi os três andares de escada, abri vagarosamente a porta e estava tudo lá. Até os boletos espalhados pelo chão. Tudo como antes. Já era madrugada. Não haveria cura para a minha doença. Ligo a televisão. Um pastor recebia a ligação de uma fiel falando de seus problemas com os filhos. Um deles havia sido morto pelo tráfico. O outro havia assumido a homossexualidade e resolvido sair de casa com o

namorado. O pastor tinha cara de tarado. Daqueles com vastas olheiras e que ficam o tempo todo mordendo o lábio-inferior. Mudei de canal. Mais um filme começaria na "sessão de gala". Abri uma cerveja e me debrucei sobre o velho sofá-cama arreventado. "Viver e Morrer em Los Angeles". Filme interessante. Em alguma parte da minha vida eu parecia já ter vivido tudo aquilo. Não falo de ser tira ou falsificador de dinheiro. Falo da mulher. Daquela bela loira que enrolou todo mundo. Sabe, certas mulheres são como ruas perigosas. É, são como aqueles becos-escuros que você teima em entrar de madrugada depois que fecha o bar. Você sabe do perigo e mesmo assim vai. É bom quebrar a cara de vez em quando. É bom sentir o sangue ferver. Eu gosto das ruas sem saída e do seu cheiro de vida fugidia. Eu não passo de um lobo solitário que sempre adormece com a TV ligada. Gosto disso. Dá a impressão de que nunca morreremos sozinhos.



## **Sobre Giordano Andriola**

Giordano Bruno Andriola Liberato, potiguar, 27 anos. Fissurado na boemia-urbana das cidades em putrefação. Mais um selvagem fora da jaula procurando comida na mais remota escassez. Um cego solitário olhando para os lados no meio de um trânsito infernal. O último dos sobreviventes de um naufrágio sem mortos e feridos. Entre um cigarro e outro, prevê a vida passar como todas as outras pessoas que não têm muita escolha.



CHEQUE SEM FUNDO

Copyright Giordano Andriola 2017

Published by  
Appaloosa Online Indie Publishing

[www.appaloosabooks.com](http://www.appaloosabooks.com)